

**INSTITUTO SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro

**A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO**

CLÁUDIO MANOEL LUÍZ DE SANTANA

ORIENTADOR: Felipe da Silva Braga

2009.2

# **A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO**

CLÁUDIO MANOEL LUÍZ DE SANTANA

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro (ISTARJ), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Felipe da Silva Braga

2009.2

Aos meus pais,  
Fernando Luiz de Santana e  
Sonia Santana Silva,  
que são a minha maior riqueza.

A Igreja tem necessidade do seu eterno Pentecostes;  
tem necessidade de fogo em seu coração,  
de palavras em seus lábios,  
de profecia em seu olhar.  
A Igreja tem necessidade de ser templo do Espírito Santo,  
tem necessidade de pureza total e de vida anterior.  
A Igreja tem necessidade  
de sentir a jorrar do mais profundo dela mesma,  
como prantos, uma poesia, uma oração, um hino,  
isto é, a voz orante do Espírito Santo,  
o qual, substituindo-se a nós, reza em nós e por nós  
“com gemidos indizíveis”  
e exprime o que por nós mesmos  
não saberíamos dizer a Deus.  
A Igreja tem necessidade de reencontrar a sede,  
o amor, a certeza de sua verdade,  
e de escutar em profundo silêncio  
e disponibilidade total,  
que a absorve na contemplação,  
a voz ou, antes, o diálogo do Espírito  
que ensina a “verdade inteira”.  
E depois a Igreja tem necessidade de sentir refluir  
por todas as suas faculdades humanas  
a onda de amor que se chama a caridade  
e que se difundiu em nossos corações  
precisamente “pelo Espírito Santo que nos foi dado”.  
E a Igreja, inteiramente impregnada de fé,  
tem necessidade de conhecer a premência,  
o ardor, a urgência dessa caridade,  
tem necessidade de testemunho, de apostolado.  
Vocês entenderam, vocês, homens vivos,  
vocês, jovens,  
vocês, almas consagradas,  
vocês, irmãos no sacerdócio?  
Eis do que a igreja tem necessidade.  
Ela tem necessidade do Espírito Santo  
em cada um de nós,  
em todos nós em conjunto,  
em nós, que constituímos a Igreja.  
Sim, é do Espírito Santo que a Igreja tem necessidade atualmente!  
Todos digamos-lhe sempre: “Vem”!

(Paulo VI)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, Fonte de todo bem, que me permitiu chegar até aqui e que me mantém com sua Misericórdia.

A minha Família, meus pais, Fernando Luiz de Santana e Sonia Santana Silva, que nunca mediram esforços em me ajudar e incentivar na minha caminhada acadêmica, meus irmãos: Vanessa, Júnior e Giulliano, bem como meus sobrinhos Arthur, Fernando, Yuri e Maria Luiza.

Ao meu orientador e amigo prof. Pe. Felipe Braga, pela disponibilidade, ensinamento e amizade, a Veranil e Helen pela correção deste trabalho e por suas amigades e aos formadores do Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro que se empenham em plasmar pastores santos.

Aos sacerdotes que marcaram minha caminhada vocacional, ao Pe Neo, que primeiro me acolheu como vocacionado e me fez vislumbrar este chamado, ao Pe. Cláudio dos Santos, amigo e pai, ao Pe. Luiz Fernando pelo direcionamento, e por fim, ao meu irmão Pe. Klepler pela amizade fiel.

A todos os meus amigos seminaristas, em especial aos que caminharam estes oito anos no Seminário, aos amigos do Projeto Esquentá Jovem, Fraternidade Sopro de Vida e a todas as pessoas que direta e indiretamente auxiliaram para a realização deste trabalho monográfico e que nesta caminhada de Seminário me estimularam e ajudaram.

Por fim, agradeço aos amigos que sempre me incentivaram e colaboraram no meu crescimento, acreditando em minha vocação: Diác. Melquisedec, Cecilia, Reinaldo, Marli, Heleny e Laura.

## RESUMO

Santana, Claudio Manoel Luiz de; Braga, Felipe da Silva (Orientador). A ação do Espírito Santo na História da Salvação. Rio de Janeiro, 2009. 62 p. Dissertação monográfica de bacharelado - Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Segundo a Bíblia, desde a criação até a consumação final, o Espírito é atraído pelo que é corpóreo e histórico: faz viver o cosmo (Gn 1,2), habita num povo até o ponto de descansar num corpo humano, o do Cristo; com o Pentecostes, é infundido "sobre toda a carne" (At 2.17) e, no final, será o agente da "redenção do corpo"(Rm 8,23). Ele é verdadeiramente o poder de Deus de fazer História; no seu sopro, tudo se transfigura: o caos primordial se transforma em glória, o corpo dilacerado do Crucificado torna-se o corpo glorioso do Ressuscitado; a Palavra humana traduz a Palavra de Deus, o pão torna-se o corpo de Cristo; a Igreja torna-se antecipação do Reino; o mundo torna-se a transparência restaurada da Pátria. A história teve o seu prólogo celeste e terá o seu epílogo celeste. A história é unificada com o seu começo, na profundidade do mistério do espírito humano. A manifestação do Paráclito se realiza somente na união com Cristo. O tempo do Espírito não é tempo histórico, mas um estado de interioridade até a comunhão trinitária. O itinerário não se decompõe e é muito preciso: do Deus *absconditus* ao Espírito, mediante o Filho e pelo Espírito, no inefável abismo do Pai. A história da Igreja, desde o dia de Pentecostes, já é a época última, o princípio da escatologia, e pode-se falar, além disso, ao mais da ação particular do Espírito Santo durante essa época (At 2,17-21).

Palavras-chave: História da Salvação, Espírito Santo, Igreja.

## ABSTRACT

Santana, Claudio Manoel Luiz; Braga Felipe (Professor). The action of the Holy Spirit in the History of Salvation. Rio de Janeiro; 2009, 62 p. Monograph of conclusion, bachelor's in Theology, Superior Institute of Theology, Archdioceses of Rio de Janeiro. According to the Bible, since creation until the final consumption, The Spirit is attracted, for what is bodily and historie: He makes the cosmos live (Gn 1,2), and inhabits the people, to the point of resting in a concrete human body, of the Christ; with Pentecost, The Spirit is shed "upon all the flesh" (Acts 2,17), and, in the end, will be the agent for "the redemption of the body"(Rm 8,23), He is truly the power of God in history; to his blow everything is transfigured: The thorn body of the crucified becomes the glorious body of the resurrected; the human word is translated into the word of God; the bread becomes the body of Christ: the Church becomes an anticipation of the kingdom; the world becomes a restored transparency of the fatherland;Attention to the Spirit's mystery is an understanding of the fundamental value that exists among the *Pneuma* and the Church: it is the Spirit that intervenes to build and characterize the Church as a sacrament.History has had its heavenly prologue, and it will have its heavenly epilogue. The time of the Spirit is not a historical time, but a state of interiority until the Trinitarian communion. The itinerary cannot be decomposed, and is very precise: from God absconditus to the Spirit, in the Son, through the Spirit, through the Monogenous, until the ineffable abyss of the Father. The history of the Church is, since Pentecost, already the last time, scatology's beginning, and moreover, it can be said, a time of a particular action of the Holy Spirit (Act 2, 17-21).

Key-words: History of Salvation, Holy Spirit, Church

## ABREVIações E SIGLAS

a.C. Antes de Cristo

*apud* Citado por

AG Decreto *Ad Gentem*

At Atos dos Apóstolos

AT Antigo Testamento

Cf. Conforme

Cl Carta aos Colossenses

CIC Catecismo da Igreja Católica

CDC Código de Direito Canônico

DA Documento de Aparecida

d.C. Depois de Cristo

DP Documento de Puebla

DS DENZINGER, compendio dos símbolos

Dt Livro do Deuteronômio

DV Constituição Dogmática *Dei Verbum*

DeV Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*

Ed. Edição

Ef Carta de São Paulo aos Efésios

Ex Livro do Êxodo

EN *Evangelii Nuntiandi*

EV *Evangelii Vitae*

FI Carta de São Paulo aos Filipenses

GI Carta de São Paulo aos Gálatas

Gn Livro do Gênesis

GS Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

Hb Carta aos Hebreus

ibid. Mesma obra, mesmo autor

ICCRS Escritório Internacional da Renovação Carismática Católica

Is Livro do Profeta Isaías

Jo Evangelho segundo João

Jl Livro do Profeta Joel

Lc Evangelho segundo Lucas

LG Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

Mc Evangelho segundo Marcos

Mt Evangelho segundo Mateus

n. Número

NT Novo Testamento

OT Decreto *Opitatum Totius*

*op.cit* Obra citada

p. Página

Rm Carta de São Paulo aos Romanos

SC Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia

Sb Livro da Sabedoria

Tt Carta de São Paulo a Tito

UR *Unitatis Reintegratio*

VC Carta Encíclica *Vita Consecrata*

1Cor 1ª Carta aos Coríntios

1Tm 1ª Carta de São Paulo a Timóteo

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
I.- O Significado Salvífico do Espírito na Criação .....	13
1.1 A pneumatologia do Gn 1,2.....	12
1.2 A visão profética acerca do exílio a partir da pneumatologia de Gn 1,2 .....	19
II.- Pentecostes: Experiência pneumática da Igreja .....	24
2.1. A Instituição da Igreja por Jesus Cristo.....	25
2.2. A Constituição histórica da Igreja por Jesus Cristo.....	27
2.3. Espírito Santo, alma da Igreja .....	32
2.4. O Espírito como fonte de fé pessoal e comunitária da Igreja.....	34
III.- A ação pluriforme do Espírito nos “Últimos tempos” .....	40
3.1. Os Sacramentos como sinais da atuação do Espírito Santo na vida da Igreja.....	40
3.1.1. Batismo .....	42
3.1.2. Crisma .....	44
3.1.3. Eucaristia.....	46
3.2. O Caráter Carismático e Ministerial da Igreja .....	49
3.3. O Espírito e a Esposa dizem: “Vem” .....	54
CONCLUSÃO .....	60
ANEXO.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	65

## 1 INTRODUÇÃO

Observamos atualmente um interesse crescente pela temática da Pneumatologia e a sua relação com os diversos tratados teológicos, seja a Protologia, Cristologia, Sotereologia, Escatologia, Eclesiologia etc. Nota-se, cada vez mais, uma preocupação e maior atenção em relacionar a pessoa do Espírito Santo com os elementos proféticos e carismáticos da Igreja, além de uma crescente consciência no que concerne à presença operante do Espírito Santo na constituição e nos ministérios eclesiais. A reflexão teológica, portanto, tem percebido que a dimensão pneumática é essencial para a vida da Igreja. Daqui também nasce o interesse pela presente temática.

Aspiramos apresentar a visão teológica do Espírito Santo na História da Salvação. Não pretendemos, contudo, trazer à tona um verdadeiro e detalhado tratado sobre todos os momentos em que percebemos Sua presença e ação na História Salvífica, mas desejamos apresentar momentos significativos, e faremos perpassando desde a Criação (Antigo Testamento), onde constatamos a ação pneumática de forma bastante ativa, passando pela Unção pneumática quando a Igreja é manifestada ao mundo no dia de Pentecostes (Novo Testamento), até chegarmos aos dias em que vivemos e nos surpreendermos com Sua permanência em nosso meio, (Últimos Tempos), que nos prepara para Contemplação final no *Escatón*. Destarte, este trabalho monográfico se estruturará da seguinte forma:

No primeiro capítulo, nos debruçaremos sobre a importância e o significado Salvífico da criação no Espírito; abordaremos a pneumatologia da perícopa de Gn 1,2 sem nenhuma pretensão de trazer uma síntese exegética; explanando, no entanto, a importante manifestação do Espírito de Deus aí; mostraremos a realidade do Exílio e como Deus se utilizou por meio dos profetas, mediante a ação do Pneuma, reconduzindo e salvando o seu

O segundo capítulo trará uma reflexão sobre a importância da relação: Espírito Santo Igreja e partiremos da instituição da Igreja por Cristo, aprofundaremos a realidade constitutivo-histórica da Igreja por meio da experiência pneumática ocorrida no dia de Pentecostes, fundamentando toda sua ação epiclética, e traremos a riqueza teológica da expressão: “Alma da Igreja”, e por fim, observaremos como o Espírito Santo origina a fé, a no âmbito pessoal ou comunitário.

Apresentaremos, por fim, no terceiro capítulo, a ação pluriforme do Espírito nos Últimos Tempos. Buscaremos fundamentar a pesquisa apresentando a ação do Espírito na contemporaneidade. Por meio do aspecto eclesiológico do Concílio Vaticano II, trabalharemos a querela: Carisma X Instituição e iremos nos debruçar sobre a frutífera realidade com que o Paráclito tem preparado a Igreja espalhada em todo o mundo: a dimensão escatológica. Pontualmente, trataremos sobre a esperança escatológica, esperança da realização definitiva em Deus, esperança do Reino eterno, que se realiza pela participação na vida Trinitária. Ressaltaremos a função do Espírito como consumidor da Obra iniciada por Cristo; a realidade da Igreja como germe do Reino, para, enfim, chegarmos à oração que a *Ruah* de Deus pronuncia na e pela Igreja: O Espírito e a Esposa dizem: Vem! (cf. Ap 22,17).

## Capítulo I

### O Significado salvífico do Espírito Santo

Este primeiro capítulo parte do estudo da perícopre de Gn 1.2b: "e o Espírito de Deus pairava sobre as águas"<sup>1</sup>. Cheio de significado e importância, este texto conduzirá toda a nossa reflexão neste capítulo. No entanto, é necessário ressaltar que não temos como objetivo apresentar uma análise exegética do texto, mas mostrar de que forma o Espírito de Deus, desde a criação, já se apresentava como uma realidade dinâmica e operante.

A ação do Espírito na Criação assegura para todo o universo criado que as marcas de Deus se encontram impressas por meio de sua bondade, em toda sua obra. O Espírito é também aquele que realiza, na Comunidade Trinitária, a ligação eterna de amor entre o Pai e o Filho<sup>2</sup>, sendo Ele mesmo o amor. Analogamente, a respeito da criação, o Espírito Santo age para que toda a criatura possa experimentar o mistério essencial da vida: um relacionamento de intimidade e de comunhão com o seu Criador, com os homens e com toda a realidade criada.

Na verdade, este é o fim, o verdadeiro e autêntico motivo pelo qual Deus cria todo o universo<sup>3</sup> e o ser-humano, para que este, uma vez introduzido neste plano de Salvação, participe e contemple a vida da Trindade.

#### 1.1. A Pneumatologia de Gn 1,2

---

<sup>1</sup> BÍBLIA AVE-MARIA. Português. 134. ed. São Paulo: Ed Ave-Maria. 2000. Apenas esta perícopre segue a tradução da Bíblia Ave-Maria, as demais citações bíblicas apresentadas no corpo da Monografia seguirão a tradução da Bíblia de Jerusalém.

<sup>2</sup> Segundo Agostinho: "O Espírito é, portanto, como que uma inefável comunhão entre o Pai e o Filho". Diz ainda: "Vinculo do eterno amor, o Espírito Santo é ao mesmo tempo aquele une o Amante e o Amado e Aquele que em relação a estes se distingue na sua especificidade pessoal: "Quer seja ele de fato a unidade de um e de outro, ou a sua santidade ou o seu amor, ou a sua unidade porque é o seu amor ou o seu amor porque é a sua santidade, está claro que não é um dos dois aquele no qual um e outro estão unidos e o gerado é amado pelo genitor e ama aquele que o gera". (AGOSTINHO. De Trinitate, 5,11,12:PL 42,919, 6,5,7: PL 42, 928.). *apud*, SECO, Lucas F. Mateo. Teologia Trinitaria: Diós Espiritu Santo. Madrid: Ediciones RIALP, S.A., 2005. p 208.

<sup>3</sup> Catecismo da Igreja Católica, Petrópolis: Vozes Loyola, 1993, n.295: "Cremos que Deus criou o mundo segundo sua sabedoria. O mundo não é o produto de alguma necessidade qualquer, de um destino cego ou do acaso. Cremos que o mundo procede da vontade livre de Deus que quis fazer as criaturas participar do seu ser, da sua sabedoria e da sua bondade".

O termo grego “Gênesis” que os tradutores alexandrinos usaram para substituir o hebraico *bereshit*<sup>4</sup>, caracteriza o conteúdo do livro. Ele descreve a gênese, isto é, a origem do mundo e do ser humano, a origem do amor do homem pela mulher, do pecado, do medo, das raças, das populações que tem parentesco com os israelitas: moabitas, amonitas, ismaelitas, edomitas. Narra, especialmente, a origem das doze tribos de Israel<sup>5</sup>.

Para delinear o nosso estudo, iremos nos deter, na segunda parte do versículo, onde se lê: “o Espírito de Deus pairava sobre as águas”<sup>6</sup>, uma vez que este, representa o mais importante testemunho do Espírito de Deus presente na revelação bíblica veterotestamentária<sup>7</sup>.

Quando o Espírito começou a pairar sobre as águas, o mundo criado não tinha forma, não possuía beleza alguma, “estava informe e vazio e as trevas cobriam o abismo”<sup>8</sup>, o que nos sugere algo vago e desordenado. No entanto, a criação, ao receber a ação do Espírito de Deus, ganhou vida e foi beneficiada pela expressão máxima de beleza advinda deste mesmo Espírito.

A Tradição Patrística, especialmente os Capadócijs, interpreta essa passagem numa perspectiva de conservação, isto é, o Espírito é visto como aquele que possibilita o ordenamento lógico da criação, e preserva a criação da desintegração<sup>9</sup>.

O Papa João Paulo II assinalou a importância desta perícopa quando nos diz:

“O Espírito de Deus, que segundo a descrição bíblica “pairava sobre as águas”, indica o mesmo Espírito que perscruta as profundezas de Deus: perscruta as profundezas do Pai e do Verbo-Filho no mistério da criação. Não é somente a testemunha direta do seu recíproco amor, do qual deriva a criação, mas é ele próprio esse Amor. Ele mesmo, como Amor, é o eterno dom incriado. Nele está a fonte e o início de toda boa dádiva para as criaturas. O testemunho do princípio, que encontramos em toda a Revelação, começando pelo livro do Gênesis, é unânime quanto a este ponto. Criar quer dizer chamar do nada a existência”<sup>10</sup>.

<sup>4</sup> Literalmente “no princípio”.

<sup>5</sup> BALLARINI, Teodoro. Introdução à Bíblia com Antologia Exegética, Petrópolis: Vozes, 1975, p 96.

<sup>6</sup> \*Cf. Gn 1,2b.

<sup>7</sup> SANTANA, Luiz Fernando, Recebereis a Força do Espírito Santo, São Paulo: Ed Com Deus, 2000. p. 17

<sup>8</sup> Cf. Gn 1,2a

<sup>9</sup> KOUBETCH, Volodemer, Da Criação à Parusia. São Paulo: Paulinas, 2004, p 36

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II, Dominum et Vivificantem, São Paulo: Vozes, 1987, p 29.

É imprescindível ressaltar que a ação do Espírito na Criação<sup>11</sup> não se caracteriza por apenas fazer passar o ser informe para o ser perfeito, mas por transformar o mundo informe e vazio, caracterizado por um estado de caos, num mundo em estado de glória. completamente belo e novo, ordenado e limpo, um mundo que ganhou, como diz Santo Ambrósio, “todo o esplendor da beleza que a fez refulgir como mundo”<sup>12</sup>.

Após o solene exórdio e a impactante imagem da terra descrita num estado caótico, situamos a perícopes de Gn 1,2 b, e ressaltamos a descrição da *Ruah*<sup>13</sup> de Deus, como no original grego para designar entre outros significados o sentido metafórico que expressa sobretudo uma força.

A *Ruah* põe a atmosfera em movimento: o vento. Ele coloca também o homem em movimento: ele existe e age. Quando Deus criou<sup>14</sup> o céu e a terra, a *Ruah* de YHWH repousava sobre a massa disforme e sobre as águas primordiais<sup>15</sup>. A *Ruah* divina é um dinamismo criador, está na origem do ser, do movimento e da vida<sup>16</sup>, de tal modo que chegamos a clara conclusão de que sem a *Ruah*, nada existiria.

De uma forma abrangente observamos também o sentido teológico da *Ruah* que não designa um elemento da psicologia divina, mas um dinamismo que vem de Deus e dá ao homem o existir, o viver e o agir. Apresentado como uma entidade fora dele, a *Ruah* não se distingue realmente de Deus. Ela é princípio de vida, de novidade e de santa conduta, é preciso sua presença permanente no homem, para

---

<sup>11</sup> Santo Ambrósio de forma bastante explícita nos diz que: "a Escritura não somente ensinou que sem o Espírito nenhuma criatura pode perdurar, mas também que o Espírito é o criador de toda criatura. E quem poderia negar que seja obra do Espírito Santo a criação da Terra se é obra do Espírito a sua renovação?" (AMBRÓSIO, O Espírito Santo, XVI, 38). apud., CANTALAMESSA, Raniero. O canto do Espírito, São Paulo: Paulinas, 1999.p42.

<sup>12</sup> Literalmente: "Quando o Espírito começou a pairar sobre ele, o mundo criado não tinha ainda beleza alguma. No entanto, quando a criação recebeu a operação do Espírito, ganhou todo o esplendor da beleza que a fez refulgir como "mundo". (AMBROSIO. Sobre o Espírito Santo, 11, 32.). apud, CANTALAMESSA, Raniero. *op.cit.* p 37.

<sup>13</sup> A palavra *Ruah* aparece 378 vezes em hebraico e 11 vezes nas passagens em aramaico do livro de Daniel. Geralmente feminino em hebraico, o termo é neutro em grego e masculino em latim e em francês. Os Setenta traduzem a palavra *ruah* por espírito (pneuma) 273 vezes, por ventos (anemos) 48 vezes, por alma (thymos) 6 vezes, por sopro, hálito, respiração (pnoê) 5 vezes e diversas outras maneiras 57 vezes. O sentido fundamental da raiz *ruah* parece bem ser aquele de “sopro”, entendido como uma realidade dinâmica, uma força viva em ação, uma potência de vida. (POUDRIER Roger, Sopro de Vida. Santuário: Aparecida, 1998. p 9).

<sup>14</sup> Quando nos referimos que Deus "criou" (bara), queremos dizer que esta ação tem por sujeito exclusivo Deus, que não se exerce sobre uma matéria preexistente, que dá como resultado um efeito absolutamente inédito. Portanto, designa uma ação incomparável, não homologável a nenhuma outra, especificamente divina, ao contrário do que ocorre com outros verbos como fazer, modelar, formar etc., que pertencem ao vocabulário artesanal (PEÑA, Juan L., Teologia da Criação, São Paulo: Loyola. 1986. p 21 e 29).

<sup>15</sup> Cf. Gn, 1-2.

<sup>16</sup> Cf. At 17, 28.

não voltar ao pó. Assim lemos no livro de Jó: “Enquanto um resto de vida me animar, a *Ruah* passará por minhas narinas”<sup>17, 18</sup>.

O Tratado de Protologia nos remonta no início do mundo, à criação como obra de Deus. O ato criacional da parte de Deus *ex-nihilo*<sup>19</sup> é um chamado do não-ser para o ser e se apresenta como o início da História da Salvação, momento primeiro em que Deus se comunica com o homem no *ek-stusis*<sup>20</sup> e transcende sua vida atemporal abrindo espaço para a vida das criaturas.

Esta ação é caracterizada como um ato em que Deus cria tudo o que está fora da divindade por meio de sua Palavra no poder do Espírito<sup>21</sup>. A criação do universo foi um ato livre amoroso da parte de Deus, e, como se acredita, todas as obras que Deus faz, fora de si, são comuns as três pessoas<sup>22</sup>, e, por isso, também o Espírito Santo é Criador com o Pai e o Filho.

“Deus não é só um, mas um-em-irés, porque é uma comunhão de pessoas que dividem reciprocamente o seu amor uma para outra. O círculo do amor divino, porém, não permanece fechado. O amor de Deus é, no sentido literal da palavra, “estático” um amor que impulsiona Deus a sair de si e a criar outras coisas diferentes dele”<sup>23</sup>.

Esta crença na criação como obra trinitária aparece na mais antiga Tradição crista expressa, por exemplo, nos Símbolos do Batismo e na fórmula de fé proposta por Inocêncio III:

<sup>17</sup> Cf. Jó 27, 3.

<sup>18</sup> POUDRIER, Roger, op. cit. p 18,19.

<sup>19</sup> Ato excepcionalmente de Deus, que só Ele é capaz de realizar, criar, ato de gerar algo do nada, fazer sair do “não-ser” o “ser”. Em Deus, e somente em Deus, essência e existência identificam-se. Deus é o puro ato de existir (*Ipsum Esse*), sem sombra alguma de potencialidade. Ele é a plenitude do ser. Nele, todas as perfeições que convém ao ser, como a unidade, a verdade, a bondade, a beleza, a inteligência, a vontade, identificam-se com sua essência, de tal modo que podemos dizer: Deus é a Unidade mesma, a Verdade mesma, a Bondade mesma, a Beleza mesma. Tudo isso leva-nos a dizer que, fora de Deus, não há existência necessária. Não podemos dizer que fora de Deus exista um ser tal que sua essência coincida com sua existência, pois, assim, estaríamos afirmando um outro absoluto, o que é logicamente impossível. Pela reflexão, pois, podemos afirmar que em tudo que não é Deus há composição real de essência (o que alguma coisa é) e existência (aquilo pelo qual alguma coisa é). A essência do universo criado não implica sua existência, já que, se assim fosse, o universo, contingente como é porque sujeito à potencialidade, seria o próprio ato de existir (*ipsum esse subsistens*), o que é falso. O universo criado, desse modo, já que não pode possuir a existência por si mesmo, só pode estar fora do nada (*ex-sistere*) por uma Causa que existe por si mesma e possa conceder-lhe a existência. Isso significa dizer: só Deus existe por si mesmo (a se) e tudo que não é Deus só pode vir ao ser (existir em ato) por influência do próprio Deus. Em sentido estrito, só Deus pode criar. Criar, em sentido estrito, é produzir o ser em toda a sua substância, é tirar do nada, (*ex nihilo*). EMILIO de Faria. *Ex nihilo*, Ed Subir, 2000. p 12.

<sup>20</sup> Literalmente: sair fora de si.

<sup>21</sup> Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do ano 2000. Senhor a terra esté repleta do Teu Espírito. São Paulo: Paulinas, 1998, p 25.

<sup>22</sup> Gregório Nisseno. Contra os macedonianos, 13 (PG 45, 1317). apud., CANTALAMESSA, Raniero, op.cit.p35.

<sup>23</sup> WARE, Kallistos. Dire Dio oggi Il cammino Del Cristiano. Magnano, Qigajon, 1998. p 66.

“Saibam todos que cremos de coração entendemos pela Fe, professamos com a boca e, em claros termos afirmamos que o Pai e o Filho e o Espírito Santo, único Deus de que falamos, do Criador. O que faz, O que governa. O que dispo de todas as coisas, materiais e espirituais, visíveis e invisíveis”<sup>24</sup>.

Sabemos, como nos relata o livro do Gênesis, que Deus todo criou por meio de sua Palavra e de sua ação<sup>25</sup>. Todavia, percebemos que também será seu Sopro de Vida, a *Ruáh* um dos protagonistas da Criação, conforme constatamos no Salmo 104,30 "Envias o teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra". No entanto, a Tradição Hebraica, entendia o "Espírito do Senhor" não como a terceira pessoa da Trindade, mas como uma força ou um atributo de Deus”<sup>26</sup>.

O atributo "criador". também designado ao Espírito, tem um fundamento essencialmente bíblico, e a Sagrada Escritura ao falar desta função do Espírito, apresenta dois sentidos de criação<sup>27</sup>: o primeiro, quando implicitamente é apresentado como o princípio de um novo nascimento, de vida e situações novas, ou de “nova vida”<sup>28</sup>, reportando assim ao dado espiritual, e o segundo, que ressaltamos e nos interessa, quando há momentos ou fatos em que o Espírito Santo é associado a ações criadoras de Deus, onde o Espírito é apresentado com a função criacional<sup>29</sup>, que desde o início da criação Ele não só esteve presente, mas de fato participou de forma ativa.

Corroborando essa ideia nos diz Santo Tomás de Aquino: "O Espírito é o próprio princípio da criação das coisas"<sup>30</sup>, ou ainda Ambrósio: "Quem poderia negar

<sup>24</sup> Carta Eius exemplo de Inocêncio III de 18 de dezembro de 1208. TEXTO: PL. 215, 1510. Apud., COLLANTES, Justo. A fé Católica. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christy e Diocese de Anápolis- Goiás, 2003. p.210.

<sup>25</sup> Cf. Gn 1,7.16.25.36.

<sup>26</sup> A este respeito comenta Andrés Ibáñez Arana: "E a Ruah de Deus se agitava sobre as águas". Como Rudh significa vento, sopro ou espírito, cabem duas explicações: a) "Um vento de Deus" tempestuoso como um furacão( "de Deus pode ter sido um superlativo, como por exemplo "o monte de Deus, o monte de Basa" ef SI 68,16.), agitava as águas e as tomava impossíveis de serem navegadas. Seria um elemento a mais no caos. b) o de Deus", a força divina que dá forças as criaturas, já se movia sobre a terra caótica, Espírito pressagiando a intervenção que vai acabar com o tohu wabohu. (ARANA Andrés Ibáñez, Para compreender livro do Gênesis. São Paulo: Paulinas, 2003, p 27)

<sup>27</sup> É interessante percebermos que ambas as criações, citadas acima, referem-se diretamente a vida de Cristo Jesus, e no Novo Testamento são apresentadas as intervenções do Espírito na Redenção relembrando assim a sua atuação no instante da criação. Assim, a pomba que paira sobre as águas Jordão no Batismo do Senhor, lembra o Espírito que paira sobre as águas em Gn 1,2. Sem sombra de dúvidas o ponto de partida é a perícopa: "espírito de Deus pairava sobre as águas". (SANTANA, Luiz Fernando, op. cit. p. 20).

<sup>28</sup> Cf. Jo 3.3-5.7.

<sup>29</sup> Cf. SI 104.30.

<sup>30</sup> Tomás de Aquino. Suma Contra os Gentios, IV, 20, n.3570. apud., CANTALAMESSA, Raniero op cit. P36.

que seja obra do Espírito a criação da terra, se é obra do Espírito a sua renovação?”<sup>31</sup>

A origem do mundo, portanto, é o amor de Deus, que é o próprio Espírito. O universo nasce das mãos de Deus, que o enxerga como sendo belo e bom. Ele dá o ser à criação, de tal modo que, se falta o seu Espírito, tudo se perde. Por isso, podemos dizer que o Espírito é a origem da existência o Pai, como o fundamento de tudo, estrutura e inteligência, o Verbo, como a sabedoria e razão do universo; o Espírito, como o dinamismo da realização e da beleza. Segundo Koubetch:

“Em Deus o Espírito Santo é precisamente o termo, o cumprimento, como o amor, ao mesmo tempo, a ponta da comunicação, que é o seu efeito específico. É o seu papel específico na criação e salvação do mundo. O Espírito Santo, termo da gênese eterna de Deus, suscita a gênese temporal do mundo. Ele cria tudo com as outras duas pessoas da Trindade, segundo a ação diferenciada de cada uma delas: o Pai é o princípio de decisão; o Filho planifica as estruturas e obras do mundo; o Espírito Santo suscita este mundo do interior, segundo a sua autonomia, o seu dinamismo e a sua universal comunicação e interimplicação. Devidamente pode se falar do Espírito Santo como “Alma do mundo”<sup>32</sup>. Segundo a sofologia<sup>33</sup>, a verdade é vivente e é a alma que vivifica um ser. A sofia<sup>34</sup> é, pois, apresentada como “alma do mundo” expressão que agrada os Padres que a identificava com o Espírito Santo, que é onipresente e tudo preenche, embeleza e vivifica(..) A criação viva, que manifesta e canta a glória de Deus, é exteriorização da sofia-sabedoria, alma do mundo”<sup>35</sup>.

Em suma, compreendemos a presença do Espírito operando na criação, que sustenta o mundo, bem como, dá estabilidade as leis. Este mesmo Espírito que é

<sup>31</sup> AMBROSIO. Sobre o Espírito Santo, 11, 34. Apud., CANTALAMESSA, op. cit. p 37.

<sup>32</sup> BRESCIA, Queriniana, 1998. p.518. Col. Introduzioni e Trattati-10. Cf. Tb. PP. 517-518. Assim: Pedro Abelardo (1079-1142), Wolhardtd Pannenberg (1928), Teilhard de Chardin (1881-1955). Segundo Von Balthasar (1905), "Espírito do mundo". R Laurentin adverte: "Digamos antes o animador e o princípio da sua auto superação, a mola transcendente e a chave do futuro do mundo". In: Lo Spirito Santo, questo sconosciuto. Scoprire la sua esperienza e la sua persona. BRESCIA, Queriniana, 1998. p.518. Col. Introduzioni e Trattati-10. Cf. Tb. PP. 517-518. apud., Koubetch, op.cit. p 33.

<sup>33</sup> (gr.): Sophia, sabedoria, e logos, discurso; perspectiva platônica, onde a Sabedoria é considerada centro de todos os protótipos ideia de Deus sobre o mundo e sobre os seres. Uma sofologia, como estudo da sabedoria, ou Teologia em clave de sabedoria, foi desenvolvida por teólogos russos como Vladimir Soloviev (1853-1900). Pavell Florenskij (1882-1937) e Sergei Bulgakov (1870-1944). É a doutrina dos pensadores religiosos russos do século XX e da teologia das Igrejas orientais sobre a Sabedoria de Deus, enquanto Sabedoria do Espírito divino, que se revela e comunica, acentuando a presença cósmica da sabedoria divina. A sofologia está relacionada com a Pneumatologia, com as teorias sobre a economia e a providência e com a teologia mística. O termo vulgarizou-se na França depois da tradução das obras de Sergei Bulgakov, o mais importante expositor da sofologia russa no Ocidente. (Koubetch, op.cit. p. 34).

<sup>34</sup> (gr.): Sophia, sabedoria; a sabedoria divina, um dos nomes divinos mais comuns para designar a energia divina. É conhecimento prático e capacidade de discernimento no Antigo Testamento por Salomão (I Rs 3,1 28;4,9-14) (Koubetch, op.cit. p 34).

<sup>35</sup> "Koubetch, op. cit. p 33.

mistério subsistente, que sustenta e opera o milagre da manutenção da criação, é também aquele que anima e fala por meio dos profetas afim de consolar, direcionar e sustentar o povo escolhido quando estavam no Exílio.

## 1.2. A visão profética acerca do Exílio a partir da Pneumatologia de Gn 1, 2

Ao continuarmos a leitura do livro do Gênesis e se formos além do Pentateuco, nos livros seguintes da Sagrada Escritura, nos depararemos com o panorama do povo escolhido por Deus que foi escravo no Egito, foi liberto, e passou quarenta anos no deserto e em seguida foi novamente para o Exílio, isso tudo, por causa da, segundo a teologia veterotestamentária, infidelidade na Aliança bilateral com Adonai.

No Exílio da Babilônia o povo sonhava com um rápido retorno, com uma libertação quase que iminente. Com o passar do tempo foram alimentando um grande desprezo e ódio pela Babilônia, pois naquele local sentiam-se oprimidos pela escravidão além de não poderem mais nutrir os seus sentimentos, não tinham a possibilidade de se reunirem em oração ou cantar os cânticos de Sion e muito menos de viver as tradições de seu povo, de tal modo que foram perdendo sua própria identidade. O tempo cooperou para que muitos se acomodassem com aquela situação, até que perderam a esperança de voltar para sua terra.

Posteriormente, com a proclamação da liberdade religiosa efetuada por Ciro<sup>36</sup> poucos judeus se arriscaram a regressar à sua pátria. “Podiam ouvir com anuência que por meio de Ciro o Senhor ia realizar o seu plano, que ele era o seu ‘eleito’, mas poucos se colocavam a caminho”. Neste contexto aparece as profecias de consolação<sup>37</sup>.

Como foi dito antes, a realidade exílica era vista como um sinal da quebra da Aliança e é justamente aí, nesta realidade concreta, que Adonai suscita os Profetas<sup>38</sup> da Esperança que neste contexto de morte trazem uma profecia de vida, uma profecia repleta da presença do Espírito.

---

<sup>36</sup> No Antigo Testamento, provavelmente em torno de 545 a.C. Ciro aparece como esperança de restauração para Judá e Jerusalém. O Deutero-Isaías o chama de "Pastor de lahweh e diz que ele cumprirá a vontade do Senhor (Cf. Is 44,28), JOHN L. McKENZIE, Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus 1983. p 172.

<sup>37</sup> Cf. LACY J.M. Abrego, Os Livros Proféticos. São Paulo: Ave-Maria, 2006, p 212.

<sup>38</sup> LACY J.M. p 28. A palavra "profeta" tem origem grega (através do latim *propheta*). Pro-phetes significa

Neste interim, ressaltaremos a figura de três profetas e suas profecias. Primeiramente temos a figura do Deutero-Isaías com uma linguagem de Consolação, depois Ezequiel que vê a mortandade generalizada ganhar vida por meio do Sopro de Vida e que traz a promessa de um novo coração e um novo Espírito: por fim, somos surpreendidos pelo generoso derramamento do Espírito a todo o povo, escravos e livres, homens e mulheres, na profecia de Joel.

O contexto histórico em que se apresenta o Deutero-Isaías é justamente o Exílio Babilônico do século VI. A mensagem é dirigida diretamente ao povo escravo e não aos habitantes de Jerusalém<sup>39</sup>. O Templo e a Cidade Santa estão destruídos<sup>40</sup>. Israel foi saqueada e espoliada pelos depredadores<sup>41</sup> e se encontra em terra estrangeira, sob a funesta dominação babilônica<sup>42</sup>. Já faz muito tempo que o povo sofre<sup>43</sup>.

O profeta vê a conduta do povo que vive entre os exilados, conhece o estado de espírito, a incredulidade<sup>44</sup>, a rebeldia<sup>45</sup>, a indiferença religiosa<sup>46</sup>, a insensibilidade moral<sup>47</sup> e a inclinação à idolatria<sup>48</sup>.

O Deutero-Isaías desenvolverá sistematicamente a mensagem profética da consolação<sup>49</sup>. O desterro fez desencadear uma profunda crise de fé e confiança entre os israelitas, chegando até a questionar se *Yahweh* seria capaz de salvar o seu povo como o salvara uma vez no Egito. E é assim, neste contexto que o profeta responde a essa pergunta, bem como as outras crises do povo, com uma enfática proclamação de confiança na força de *Yahweh* que não conhece limites<sup>50</sup>.

---

“falar em vez de”, “ser porta-voz de” ou também “falar diante de alguém”, “falar em voz alta”, conforme o sentido da preposição pro. É utilizada na versão grega do Antigo Testamento e no Novo Testamento. No texto hebraico (TM) do Antigo Testamento corresponde normalmente à palavra nabi, mas também se traduz por outros vocábulos: hozeh, “vidente” (2 Sm24, 11; Am7, 12); roeh, “vidente” (1Sm 9,9.11.18.19). Além destas, usadas outras denominações como “homem de Deus” (1 Sm 9,6), “visionário” (Dt 13,2), etc., mas o vocábulo mais usado é sem dúvida nabi. Qual o significado? Na atualidade é normalmente aceita a sua etimologia da raiz acádia “nb”, que significa chamar, convocar. A forma hebraica seria passiva, pela sequência vocálica “a-i”, reconhecida em outros vocábulos como masiah, nagid etc. De modo que etimologicamente, significaria “chamado”, “convocado” ao conselho de Deus ou para uma vocação ou missão concreta. BALLARINI, Teodoro. Os doze profetas e Daniel, Petrópolis: Vozes, 1978. p. 45.

<sup>39</sup> Cf. Is 40, 3ss; 41, 17-20.

<sup>40</sup> Cf. Is 44, 26 ss; 49, 8.16ss; 51, 3.

<sup>41</sup> Cf. Is 42, 22.

<sup>42</sup> Cf. Is 47, 6, 52, 2ss.

<sup>43</sup> Cf. Is 41, 17; 47, 14.

<sup>44</sup> Cf. Is 40, 27; 44, 24ss.

<sup>45</sup> Cf. Is 46, 8; 48, 1s.

<sup>46</sup> Cf. Is 43, 23s.

<sup>47</sup> Cf. Is 42, 18s.

<sup>48</sup> Cf. Is 48, 3-11.

<sup>49</sup> Cf. Is 40 ss.

<sup>50</sup> PEÑA, *op.cit.* p. 19. Cf. Gn 1, 1-2.

Algumas profecias de Isaias fazem menção não só à esperança e à libertação do povo, mas também ao derramamento do Espírito como a concretude desta mesma libertação, como por exemplo: “Vou espalhar água no solo sedento e córregos na terra ressequida; eu espalharei o meu Espírito sobre tua raça e minha bênção sobre teus descendentes”<sup>51</sup>.

Outro profeta que se utiliza desta mesma linguagem é Ezequiel. Sua figura, de um modo geral, só poderemos compreendê-la no seu contexto histórico. Por isso, aqui apresentamos um pequeno esboço, o seu *Sitz im Leben*. Em 609, o faraó Necao depusera e levava para o Egito o rei Joacaz<sup>52</sup>. Em 597, Nabucodonosor apodera-se de Jerusalém, deporta o rei Joaquim e instala Sedecias no trono de Davi. Ezequiel parte também para o exílio. A exemplo de Jeremias em Jerusalém, ele será na Babilônia o intérprete da tragédia, do fim de um sonho. Ele se aplica então a destruir toda a falsa esperança proferindo oráculos contra o rei Sedecias<sup>53</sup>.

A primeira deportação de 597<sup>54</sup> não é mais que um primeiro ato, preparando a catástrofe definitiva. A tomada de Jerusalém em 587 demonstra a validade de sua profecia. O rei Sedecias, como um vassalo desleal, é levado por Nabucodonosor que manda decapitar seus filhos diante dele e manda vaziar seus olhos<sup>55</sup>. A realeza deixa de existir, o Templo não existe mais; a esperança está morta. Depois de um tempo de silêncio forçado e em seguida profecias contra as nações, Ezequiel aplica-se a reconstruir uma nova esperança fundada somente na Graça e na fidelidade de Deus.

Queremos nos ocupar dessa parte, antes mesmo da queda de Jerusalém, quando o profeta anuncia uma nova realeza de Deus<sup>56</sup>. Ele dará a mesma mensagem depois de 587 aos exilados de Babilônia: “Assim fala o Senhor Javé: Eis que eu mesmo cuidarei do meu rebanho, e dele me ocuparei”<sup>57, 58</sup>.

Para explicitar o que hora sustentamos, apresentamos a visão das “ossadas ressequidas”<sup>59</sup> que se dirige aos exilados da Babilônia e, como nos diz o profeta,

---

<sup>51</sup> Cf. Is 44, 3.

<sup>52</sup> Cf. Ez 19, 4; 2 Rs 23, 33-34.

<sup>53</sup> Cf. Ez 21, 30.

<sup>54</sup> Cf. Jr 52, 28.

<sup>55</sup> Cf. 2Rs 25, 7.

<sup>56</sup> Cf. Ez 20,33.

<sup>57</sup> Cf. Ez 34,11-16.

<sup>58</sup> POUDERIER *op.cit.* p. 20-21.

<sup>59</sup> Cf. Ez 37,1-14.

aparece num contexto de total desânimo do povo, pois toda sua esperança estava morta<sup>60</sup>. O livro de Ezequiel assim transcreve:

“A mão de Javé estava sobre mim, ele me conduziu pelo espírito de Javé, e me colocou no meio do vale, um vale cheio de ossadas. Ele me fez percorrê-la, entre eles, em todos os sentidos. Ora as ossadas eram muito numerosas no chão do vale, e estavam completamente ressequidas. Ele me disse “Filho do homem essas ossadas viverão? Eu respondi: Senhor Javé, vós o sabeis. Ele me disse: “Profetiza sobre essas ossadas”. Tu lhe dirás: "Ossadas ressequidas, escutai a palavra de Javé” “Assim fala Javé a essas ossadas. Eis que farei entrar em vos o espírito e vivereis. Porei sobre vós nervos, farei brotar de vós carne, estenderei sobre vós pele, eu vos darei um espírito e vivereis, e sabereis que eu sou Javé”. Eu profetizei como me foi dada a ordem. Ora fez-se um barulho no momento em que eu profetizava: houve um estremecimento e os ossos se aproximaram um dos outros. Olhei: eles estavam recobertos de nervo, a carne havia brotado e a pele se estendera por cima, mas não havia espírito neles. Ele me disse: “Profetiza ao espírito, profetiza filho do homem. Tu dirás ao espírito: assim fala o Senhor Javé. Vem dos quatro ventos, espírito, sopra sobre esses mortos, e que vivam”. Profetizei de acordo com a ordem que foi dada, e o espírito veio a eles, recuperaram a vida e ficaram de pé: grande exército. Então ele me disse: "Filho do homem, essas ossadas são toda a casa de Israel. Eis o que dizem: Nossos ossos estão ressequidos, nossa esperança destruída: acabaste”. Por isso profetiza. Tu lhe dirás: "Assim fala o Senhor Javé. Eis que abro vossos túmulos, eu vou farei subir de vossos túmulos, meu povo, e vos reconduzirei a terra de Israel” “Vós sabereis que sou Javé, quando eu abrir vossos túmulos, e vos farei levantar-vos deles, meu povo. Porei o meu espírito em vós e vivereis, e vos instalareis em vossa terra e sabereis que eu, Javé, falei e fiz, oráculo de Javé”.

Na presente passagem o assunto é somente a ressurreição de Israel enquanto povo de YHWH, por isso, a ligação direta dessa mesma *Ruah* que planava sobre a massa uniforme das águas primordiais quando da primeira criação; é Ele que garantirá a recriação, o retorno à vida das ossadas ressequidas por meio do seu Espírito.

Na perícopes de Ez 37,12, Deus é quem abrirá os túmulos e trará de volta os exilados para a sua terra. É o sopro mesmo de Deus que dará novamente esperança aos exilados. Deus vai reconduzir o povo da Babilônia. "Vós sabereis que eu sou o Senhor quando vos reconduzir à terra de Israel, ao país que jurei solenemente dar a vossos pais"<sup>61</sup>. O imenso exército das ossadas reanimadas não é

---

<sup>60</sup> Cf. Ez 37,11.

<sup>61</sup> Cf. Ez 20.42.

mais que uma pálida imagem da casa de Israel restaurada pelo mesmo Espírito de Deus.

Num terceiro momento, apresentamos Joel que é um profeta do século V considerado do período pós-exílico e com atuação profética posterior a grande catástrofe, o desaparecimento da monarquia, a queda de Jerusalém. Situamos o profeta esperando o cumprimento da liberdade profetizada por Isaías e a efusão do Espírito anunciada por Ezequiel. Joel partindo de uma catástrofe, prevendo uma calamidade, mantém a esperança de que a palavra profética de seus predecessores não caia no vazio.

A partir dessa perspectiva histórica, Joel aparece como alguém que forma as consciências e ajuda a dar um salto na fé. A confiança na bondade de Deus, que perdoa e salva o seu povo, é convite a esperança, e principalmente a Efusão do Espírito Santo que rompe as barreiras de sexo, raça e etnias.

Um traço todo especial na atividade deste profeta, como acabamos de ressaltar, é a efusão do Espírito Santo, prevista para um futuro imediato, mas, antes da parusia<sup>62</sup> e destinada todos os habitantes da Judéia. Assim acontecendo, se cumprira o desejo de Moisés: "Oxalá todo o povo de Deus fosse profetizar e recebesse o Espírito de YHWH<sup>63</sup>, os oráculos de Isaías<sup>64</sup> e de Ezequiel<sup>65</sup>. Assim nos revela a profecia de Joel<sup>66</sup>:

“Depois disto, derramarei meu espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens, visões. Mesmo sobre os servos e a servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito”.<sup>67</sup>

Se nos reportarmos para a perícopes inicial de Gn 1,2, faremos imediatamente a ligação do Espírito, a *Ruah*, identificada etimologicamente como a “ave cósmica”<sup>68</sup> que paira sobre a criação gerando vida, com o conteúdo das profecias, a promessa da esperança e da libertação de uma nova vida, dada pelo Espírito, que chega ao

---

<sup>62</sup> Cf. JI 3,1-5.

<sup>63</sup> Cf. Nm 11,29.

<sup>64</sup> Cf. Is 32,15; 44,3.

<sup>65</sup> Cf. Ez 39,29.

<sup>66</sup> Gostaríamos de ressaltar que o cumprimento dessa profecia se dá justamente no dia de Pentecostes, quando da boca de Pedro se ouve o eco dessas mesmas palavras. Daí o nosso interesse em fazer esse "link", com a profecia de Joel. O profeta é "peça chave" na leitura que propomos, uma vez que ele é parte indispensável para unir Antigo ao Novo Testamento, para resgatar e dar sentido as profecias de Isaías e Ezequiel, que por sua vez, estão diretamente ligadas a expectativa do povo do Exílio a espera a ação de Deus, por meio do seu Espírito, como no momento da criação.

<sup>67</sup> Cf. JI 3,1-2.

<sup>68</sup> SANTANA, Luiz Fernando, op.cit. p. 18.

coração do povo, a tal ponto que podemos concluir: da mesma forma que a *Ruah* pairou sobre o mundo disforme e caótico, na mesma proporção o Espírito de Deus haveria de se manifestar, de repousar sobre aquela realidade também disforme, e mais uma vez, transformaria a realidade caótica. Essa era a esperança do povo de Israel; a atração da *Ruah* não só sobre a realidade exílica, mas, também, e principalmente, sobre todo o abatimento e desânimo que se encontravam.

Notemos então como o Exílio da Babilônia é influenciado e iluminado pelo relato de Gn 1,2b. quando se volta ao relato do Gênesis em meio ao caos de Israel (poderíamos identificá-lo como caos histórico) e reflete sobre o instante em que Deus criou todas as coisas por meio do Santo Espírito. O hagiógrafo via ali um sinal de profunda esperança que Deus pudesse fazer de novo com que o seu Espírito pairasse sobre toda aquela realidade de morte e pudesse transformá-la.

Na verdade, as profecias constituem a resposta da ação pneumática de Deus para aquele povo. Daí então a certeza de que como Deus agiu no caos primordial, da mesma forma haveria de agir no caos histórico, no caos do Exílio<sup>69</sup>.

O conjunto destas três figuras proféticas com suas respectivas profecias tem como objetivo mostrar o anúncio de Salvação. A comunicação do Espírito do Senhor promete a comunidade alquebrada e desanimada uma restauração sem precedentes pela participação na própria *Ruah* de Deus. Essa *Ruah* interior é princípio de vida e de conversão. Deus dá um Espírito novo, que é o seu Espírito: "Porei meu Espírito em vós e fareis que andeis segundo minhas leis, observeis e pratiqueis os meus costumes"<sup>70</sup>. A *Ruah* é fonte de vida, de inspiração e de esperança. Desse modo, há novo começo, novo êxodo, nova aliança e um povo renovado.

O Espírito dado por Deus permanece sempre um dom, uma graça. É preciso sublinhar fortemente que quando o Espírito de Deus está presente, mesmo as ossadas ressequidas revivem<sup>71</sup>. O Espírito não cessara jamais de ser o guardião da

---

<sup>69</sup> Observamos, desse modo, como a *Ruah* criadora forma vida e gera uma nova criação. O ato criador é um novo pentecostes, e podemos assim dizer, um pentecostes criacional. Luiz Fernando Santana irá dizer a este respeito: Podemos dizer que segundo o relato bíblico em questão, a ação pairante do Espírito de Deus sobre o caos primordial, preparando-o para a criação, permite-nos enfocar a protologia sob o aspecto pneumatológico e até afirmar, com alguns autores, a existência de um "proto-pentecostes" criacional. "O ato criador já é um Pentecostes, uma efusão primeira e permanente do Espírito de vida". Este adejar do Espírito de Deus sobre a terra já implica um "primeiro pentecostes", dado o cunho pneumático-epiclético da criação, do cosmo e do homem, tudo isso em vista de uma meta transfigurativa da obra criadora de Deus. (SANTANA, Luiz Fernando, op. cit. p 20.).

<sup>70</sup> Cf. Ez 36, 27.

<sup>71</sup> Cf. Ez 37, 1-13.

esperança no coração dos homens. Nele toda a história humana está destinada ao êxito, à glória.

## Capítulo II

### **Pentecostes: Experiência pneumática da igreja**

A Eclesiologia Católica nos ensina que Cristo enviou o Espírito Santo de junto do Pai, para realizar interiormente sua obra salvífica e mover a sua Igreja à sua própria dilatação. Desse modo, a Igreja se manifestou publicamente diante da multidão e o Evangelho foi difundido entre as gentes por meio da pregação. A “união dos povos na catolicidade da fé foi prefigurada na Igreja da Nova Aliança, que fala todas as línguas, e que todas as línguas entendem e abraçam na caridade, triunfando assim da dispersão de Babel”<sup>72</sup>

Jesus deixou corporalmente a terra e enviou o Espírito Santo sobre os fiéis, para garantir-lhes a fé e o testemunho operando por meio da palavra, do Batismo, da Eucaristia, do testemunho, realizando por meio da Igreja a missão recebida do Pai.

Neste contexto, o ambiente eclesial torna-se o lugar destacado e indestrutível da presença do Espírito no mundo, presença que une (Una), santifica (Santa), que abrange tudo (Católica) e faz permanecer na verdade original (Apostólica)<sup>73</sup>.

Considerando o que afirmamos acima, é fácil compreender que a Igreja, Corpo de Cristo, é vivificada pelo Santo Espírito e não pode jamais ser compreendida como uma reprodução histórica de Jesus, mas deve ser compreendida como uma continuidade da ação de Cristo. Trata-se de uma relação de sacramentalidade, ou seja, primeiro Jesus que se encarna, depois surge a Igreja como um sinal visível de continuidade dessa encarnação no mundo e em seguida, Jesus no Espírito, que vive nela.

#### **2.1. A Instituição da Igreja por Jesus Cristo**

---

<sup>72</sup> Cf. *Ad Gentes*, n. 4.

<sup>73</sup> KEHL, Medard. *A Igreja: uma ecclesiologia católica* São Paulo: Loyola, p.63.

O Concílio Vaticano II ensina que, sendo Cristo a luz das gentes, deseja ardentemente iluminar a todos os homens com a luz que resplandece sobre o rosto da Igreja, anunciando Evangelho a todas as criaturas<sup>74</sup>.

O Evangelho narra os passos sucessivos com os que Cristo fundou sua Igreja. Começou pregando o Reino de Deus, escolheu os doze Apóstolos aos quais deu poder e autoridade e a Pedro designou o cargo de ser o líder dos doze, entregando-lhe o poder supremo sobre toda a Igreja. Com sua morte na cruz conseguiu a salvação de toda a humanidade, e a última pedra desta construção magnífica foi a vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes.

Nas palavras do Cristo e em toda sua atividade messiânica, quando anunciava o Reino, fica claro que ele preparava seus seguidores para a continuação de sua missão por meio da Igreja como, por exemplo, observamos nos Atos dos Apóstolos: “Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e toda Samaria, e até os confins do mundo”<sup>75</sup>

No entanto, indagações são apresentadas até hoje a respeito desse ato de Cristo: Jesus teria realmente a intenção de fundar a Igreja ou, antes, queria anunciar a chegada do Reino? E mais, será que o seu desejo não seria apenas estabelecer uma Igreja “puramente espiritual”<sup>76</sup>, sem hierarquia nem estrutura visível? É de fundamental importância notar que a doutrina católica, baseando-se na Tradição e na Sagrada Escritura, tem razões muito profundas para sustentar que Cristo quis fundar, e de fato fundou, a Igreja; que não é só espiritual, mas também visível e hierárquica<sup>77</sup>, e não pode contrapor-se ao Reino de Deus, mas, antes, está ao seu serviço.

Convém ressaltar que a Igreja é fundada pelas palavras e atos do Messias e que o Evangelho corrobora com isso apresentando uma série de atos de Cristo que manifesta seu desejo de fundar a Igreja, a saber, a eleição dos discípulos<sup>78</sup>, a vocação dos apóstolos<sup>79</sup> o primado de Pedro<sup>80</sup>, os acontecimentos pascais<sup>81</sup> e a Ceia<sup>82</sup>.

---

<sup>74</sup> LG 1.

<sup>75</sup> Cf. At 1.8

<sup>76</sup> Esta é concretamente a tese defendida pelo protestantismo, por Bultman, Barth dentre outros.

<sup>77</sup> A este respeito trataremos com mais propriedade no terceiro capítulo.

<sup>78</sup> Cf. Mc 1, 16-20.

<sup>79</sup> Cf. Mc 3, 13-19.

<sup>80</sup> Cf. Mt 16, 18-19

E altamente conveniente que Cristo tenha querido ficar presente a sua Igreja desta maneira singular. Visto que estava para deixar os seus em forma visível, Cristo quis dar-nos sua presença sacramental, já que ia se oferecer na cruz para nos salvar, queria que tivéssemos o memorial do amor com o qual nos amou até fim (o13, 1), até o dom de sua vida. Com efeito, em sua presença eucarística Ele permanece misteriosamente no meio de nós como aquele que nos amou e que se entregou por nós<sup>83</sup>.

A Igreja nasceu primeiramente do dom total de Cristo para a salvação de toda a raça humana, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. O princípio e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que jorraram do lado aberto de Jesus crucificado. Do lado de Cristo na cruz é que nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja. Da mesma forma que Eva foi formada do lado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração traspassado de Jesus Cristo no sacrifício incruento da cruz<sup>84</sup>.

A este respeito afirma Schillebeeckx:

“Cristo morre para que a Igreja nasça em sua morte. Nesse sacrifício messiânico aceito pelo Pai, e, portanto, em seu corpo glorificado, o próprio Cristo é a comunidade de salvação escatológica, a Igreja. Isto significa que Jesus, o Messias, tornou-se efetivamente, por sua morte aceita pelo Pai, a Cabeça do povo de Deus, o Chefe da Igreja, reunido nessa mesma morte. Por sua vida messiânica, como “Servidor de Deus”, conquista a Igreja, como fruto das dores do seu sacrifício messiânico”<sup>85</sup>.

Ora, Cristo é Senhor e cabeça da Igreja, que é seu Corpo<sup>86</sup>. Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente sua missão, Ele permanece na terra em sua Igreja. A redenção é a fonte da autoridade que Cristo, em virtude do Espírito Santo, exerce na Igreja, “germe e início deste reino na terra”<sup>87</sup>.

É imprescindível ressaltar que no momento em que Cristo institui sua Igreja, ele igualmente lhe confere autoridade e missão, orientação e finalidade: para

---

<sup>81</sup> A Comissão Teológica Internacional, recordando aquilo em que a fé sempre acreditou com respeito a Cristo, di-lo desta maneira: “Jesus quis reunir os homens em ordem ao Reino e convocá-los à sua volta, para a sua missão salvífica. Em ordem a este desígnio, Jesus realizou atos concretos, cuja única possível realização e interpretação, tomados no seu conjunto, é a preparação da Igreja, que está definitivamente constituída nos acontecimentos da Páscoa e de Pentecostes. Portanto é necessário dizer que Cristo quis fundar a Igreja. (Comissão Teológica Internacional, A consciência que Jesus tinha de si próprio. São Paulus: Paulinas, 2000. (8-XII-1985) Proposição 3.)

<sup>82</sup> Cf. Mc26,21ss.

<sup>83</sup> Catecismo da Igreja Católica n.1380.

<sup>84</sup> Sto. Ambrósio, in Lc 11, 85-89: PL 15, 1583-1586. apud., Catecismo da Igreja Católica, n.1366. p.220.

<sup>85</sup> SCHILLEBEECKX, o.p.; Cristo Sacramento do Encontro com Deus, Petrópolis: Vozes. 1967. p 53.

<sup>86</sup> Cf. Ef.1, 22.

<sup>87</sup> Cf. LG 5.

apascentar e aumentar sempre o povo de Deus, Cristo Senhor instituiu na sua igreja uma variedade de ministérios que são revestidos do sagrado poder, servem a seus irmãos, para que todos os que formam o Povo de Deus cheguem à salvação. A Igreja, unida a Cristo, é santificada por Ele; por Ele e nele torna-se santificante. Todas as obras da Igreja tendem, com seu fim, à santificação dos homens em Cristo e à glorificação de Deus. É na Igreja que está depositada a plenitude dos meios da Salvação<sup>88</sup>. É nela que adquirimos a santidade pela Graça de Deus<sup>89</sup>.

A doutrina oficial da Igreja nos ensina que a única Igreja de Jesus Cristo subsiste, de modo pleno somente na Igreja Católica. E porque a Igreja do Cristo é uma só, a que foi edificada sobre Pedro e que o próprio Salvador denomina “minha Igreja”<sup>90</sup>, unicamente nela se encontra a plenitude dos meios de santificação.

## **2.2. A constituição histórica da Igreja a partir de Pentecostes**

Primeiramente, é necessário dizer que a Igreja<sup>91</sup> deve ser compreendida na sua essência a partir do acontecimento de Pentecostes<sup>92</sup>.

Em Pentecostes, mais extraordinária que as manifestações do Espírito Santo é a revelação que se dá compreensão da terceira pessoa da Trindade. A partir deste evento o Espírito não é apenas Aquele que o Pai envia com e para o seu Filho, mas, passa a ser difundido pelo Pai e pelo Filho. A partir de então será manifestado como

---

<sup>88</sup> Cf. LG 48.

<sup>89</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica. n 824.

<sup>90</sup> Cf. Mt 16, 18.

<sup>91</sup> Etimologicamente, Igreja é um termo proveniente do grego (ekklesia), que por sua vez traduz a palavra hebraica (qahal), e que significa tanto assembleia convocada como assembleia reunida. O vocábulo aplica-se no Antigo Testamento para assinalar como Israel como comunidade santa (cf. Dt 23,1-3) e como povo de Deus (cf. Ex 19) reunido para o culto e louvor de YHWH (cf. Dr 4,10). O Novo Testamento recolhe o duplo significado original de Igreja convocatória e congregação e dá ao termo o seu sentido definitivo que identifica a nova comunidade dos santos, com o novo povo de Deus redimido por Cristo, com a assembleia constituída com pelos que respondem à perene chamada universal de Deus para o seu reino e para sua glória (ARANGUEMA, José Ramon Perez. A Igreja Iniciação à Eclesiologia, Lisboa: Diel. 2002. p 16).

<sup>92</sup> Sobre Pentecostes (literalmente quinquagésimo, porque a festa era celebrada 50 dias após a Páscoa) Novo Testamento nos oferece pouquíssimos testemunhos: At 20,6; 1 Cor. 16,8; At 2,1-13. Também sob Pentecostes como sobre as outras festas, o Novo Testamento não nos oferece informações circunstância limitando-se a registrar sua existência, a acentuar sua importância para a comunidade nascente, que a cele como Festa do Espírito Santo por excelência. Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs, Petróp Vozes, 1983, p 1136-1137. A origem cristã da festa de Pentecostes remonta ao acontecimento narrado em 2,1-11. Nos primeiros séculos, a festa está estritamente ligada à Páscoa, a ponto de ser considerada conclusão. Aparece mais como sendo um tempo, as "sete semanas", que como um dia festivo, caracterizado pela alegria (...) o cunho de alegria se caracteriza pela proibição do jejum (...). Com relação conteúdo específico da festa, não se pode esquecer de sua origem judaica: o Pentecostes ou "festa Tendas" era, com efeito, uma das três grandes festividades em que todo o Israel subia a Jerusalém honrar a Deus; sua importância é testemunhada pelos vários calendários bíblicos que a nome caracterizando-a em cada elemento ( Ex 23,14-17; 34,18-23; Lv 23,15-21; Nm 28,26-30; Dt16,9-12 tipologia patrística põe em evidência, a princípio, o cunho agrícola do Pentecostes veterotestamentário: as primícias do trigo são figura de Cristo que volta ao Pai; da vinda do Espírito Santo; da vocação dos gentios; da primeira pregação Evangélica. (SANTE, Carmine; Israel em Oração. São Paulo: Paulinas, 1989, p 25.

Espírito de Jesus, poder de ressurreição, agora Ele é dado e será acolhido e reconhecido como o mais sublime dom do Senhor Ressuscitado, como Pessoa Divina, em suma, será “adorado e glorificado com o Pai e o Filho”<sup>93</sup>.

Desse modo, é necessário mentar, desde já, para o que o Catecismo da Igreja Católica chama a atenção no dia de Pentecostes, a Páscoa de Cristo se realiza na Efusão do Espírito Santo, que é manifestado, e comunicado como Pessoa Divina. Neste dia é revelada plenamente a Santíssima Trindade. O Espírito Santo faz o mundo entrar nos “últimos tempos”, o tempo da Igreja, semente do Reino ainda não consumado<sup>94</sup>.

E imprescindível ressaltar que a ação do *Pneuma*<sup>95</sup>, a partir do evento pentecostal, constitui uma ação salvífica e geratriz que marca exteriormente o nascimento desta instituição de Salvação, a qual denominamos Igreja. Desse modo, constatamos esta relação profunda e indissolúvel entre o Espírito e a Igreja.

O Espírito Santo é, portanto, aquele que continua a obra de Cristo e que leva ao cumprimento as obras comuns da Trindade. Ele é apresentado como o Consolador, aquele que haveria de acompanhar e consolar a Igreja para sempre. A Igreja inteira, depois da Páscoa, teve uma experiência viva e forte do Espírito como consolador, defensor, aliado nas dificuldades externas e internas. A Igreja se edificava e progredia no temor do Senhor e estava cheia da consolação do Espírito<sup>96</sup>.

Segundo Joseph Ratzinger, a Igreja entrou no mundo com a consciência de um encargo universal que, na verdade, era praticamente um dever: o de levar a todos a sua fé. O ponto de partida do universalismo cristão aponta para a certeza de se ter recebido o conhecimento salvador e o amor redentor, aos quais todas as pessoas teriam direito e pelo qual esperavam. “A missão não foi considerada uma aquisição de pessoas para seu âmbito de poder, mas como transmissão obrigatória do que estava destinado a todos e de que todos careciam”<sup>97</sup>.

O evangelista Lucas narra que, em Jerusalém, havia representantes de todos os povos conhecidos na época. Com essa menção quis lembrar que a Igreja se

---

<sup>93</sup> Esta dupla expressão (adorado e glorificado) que aparece nos Símbolos da Fé do III e IV séculos será adotada no Credo, em 381, por ocasião do Concílio de Constantinopla: apud., SECO, Lucas F. Mateo. *op.cit.* p.78.

<sup>94</sup> Catecismo da Igreja Católica. n 731-732

<sup>95</sup> O Termo “Pneuma” aparece no Antigo Testamento cerca de 279 vezes (como tradução do hebraico “*ruah*” que é traduzido vento, sopro, hálito, força divina, intelecto; e no Novo Testamento, 379 vezes. Isso retrata tamanha importância no âmbito da Revelação Bíblica. (POUDRIER Roger, *op. cit.* p. 53).

<sup>96</sup> CL. At 9, 13.

<sup>97</sup> RATZINGER, Joseph. Fé, Verdade, Tolerância. São Paulo: Ramon Llull, 2007. p 55.

dirige a todo o mundo, que nos está prese a um povo, que era planejada para chegar aos confins da terra. Percebe-se, então, que a partir da narração de Pentecostes a Igreja recebe uma missão universal. Este é o sentido de toda a relação de povos (*Partos, Medos, Elamitas...*)<sup>98</sup> que escutam o primeiro anúncio feito por Pedro, Assim sendo, entendemos que o Espírito Santo é dado a todos os povos e nações para realizar nos mesmos a nova unidade do Corpo místico de Cristo e continuar a unido de Cristo junto a esses povos.

Estabelecemos aqui um elo entre a ação de Cristo que envia o Espírito Santo aos seus discípulos e a ação do Espírito que plasma a Igreja e lhe concede uma marca indelével, marca que se desdobra numa missão cujo objetivo é levar aos confins da terra a Salvação. O Documento de Aparecida retrata bem esta realidade quando afirma: “A Igreja enquanto marcada e selada ‘com Espírito Santo e fogo’<sup>99</sup> continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação”<sup>100</sup>

Em relação ao acontecimento de Pentecostes, nos ensina o Concílio Vaticano II:

“Jesus enviou o Espírito Santo de junto do Pai, para realizar interiormente sua obra salvífica e mover a igreja à sua própria dilatação. Sem dúvida alguma, o Espírito Santo estava já a operar no mundo, antes da glorificação do Filho. Contudo, desceu sobre os discípulos no dia de Pentecostes para com eles permanecer eternamente, a Igreja manifestou-se publicamente diante da multidão, a difusão do Evangelho entre as gentes através da pregação teve o seu início, e, finalmente, a união dos povos na catolicidade da fé foi prefigurada na Igreja na Nova Aliança que fala todas as línguas, e todas as línguas entende e abraça na caridade, triunfando assim da dispersão de Babel”.<sup>101</sup>

Terminada a obra que o Pai havia confiado ao Filho para realizar na terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes para santificar a Igreja permanentemente.

Para realizar sua missão o Espírito Santo dota e dirige a Igreja mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. Por isso a Igreja é enriquecida com os dons de seu fundador e empenhando-se a observar fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebeu a missão de anunciar o Reino de Cristo

<sup>98</sup> Cf. At 2,9-11.

<sup>99</sup> Cf. Mt 3, 1.

<sup>100</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, Documento de Aparecida, São Paulo: Paulus, 2008. n 151.

<sup>101</sup> Cf. AG, 4.

e de Deus e de estabelecê-los em todos os povos; deste Reino ela constitui na terra o germe e o início.

O pensamento de Santo Irineu, no século II, sintetiza toda esta realidade constitutiva da Igreja, que brota de Cristo, a partir do acontecimento de Pentecostes:

“Os homens não estavam acostumados a viver com o Espírito, que é totalmente outro completamente estranho a nossa experiência. Por isso, era necessário que primeiramente ele se acostumasse a viver conosco, como em um vaso de alabastro puríssimo. Esse vaso foi a humanidade de Jesus, totalmente repleta de seu perfume. Porém, na hora da morte, esse vaso se rompeu. Até fisicamente seu peito foi traspassado. E foi então que o Espírito Santo foi derramado no mundo e inundou sua Igreja de perfume”<sup>102</sup>.

A ação do Espírito Santo é constitutiva da Igreja. Sua estrutura é carismática no sentido que não pode prescindir do Espírito e de seus dons. Assim compreendemos por que Paulo denomina a Comunidade dos seguidores de Cristo de "templo de Deus", isto é, justamente por estar habitada pelo Espírito<sup>103</sup>: “vos todos juntos, são integrados na construção para vos tornardes morada de Deus pelo Espírito”<sup>104</sup>.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*<sup>105</sup>, enfatiza esta realidade quando nos diz que o Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo<sup>106</sup>. Neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos<sup>107</sup>. Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total<sup>108</sup>. Unifica-a na comunhão e no ministério, edifica-a e dirige-a com os diversos dons hierárquicos e carismáticos, e enriquece-a com seus frutos<sup>109</sup>.

Vivificada pela “*koinonia*”<sup>110</sup> do Espírito Santo<sup>111</sup>, a Igreja é apresentada ao mundo como sendo sempre a mesma e sempre nova: idêntica a si mesma, por causa da visita livre, constante e imprevisível do Espírito. E o Pneuma quando se entrega livremente por meio de sinais pré-constituídos como, por exemplo, os sacramentos, ou a sucessão apostólica, continua sendo, como sempre, inédito. Por

<sup>102</sup> Irineu. Demonstração da Fé apostólica, 53 (SCh 62, p.114), apud., CANTALAMESSA, Raniero, *op cit.* P.9.

<sup>103</sup> Cf. I Cor 3, 16.

<sup>104</sup> Cf. Ef 2, 22. 10

<sup>105</sup> Cf. LG n.4

<sup>106</sup> Cf. I Cor3, 16; 6 19.

<sup>107</sup> Cf. 4, 6; Rm 8, 15-16; 26.

<sup>108</sup> Cf. Jo 16, 13.

<sup>109</sup> Cf. GI 5, 22.

<sup>110</sup> Para os Padres da Igreja dos primeiros séculos, o termo "Koinonia", usado em contexto religioso, indica principalmente uma relação de caráter vital que se estabelece dentro do âmbito trinitário, entre Deus e homens e nas relações inter-humanas. (Dicionário Patrístico e de antiguidades cristas. *op.cit.* p 804).

<sup>111</sup> Cf. II Cor 13, 13.

esse mesmo motivo a Igreja permanece sempre "viva e jovem" devido a fecundidade inexaurível do Santo Espírito.

Podemos dizer que o dia de Pentecostes o Espírito Santo acaba por dar à luz, de forma virginal, o Corpo de Cristo, tecido com a nossa humanidade e ontologicamente inebriado com a Divinização<sup>112</sup>.

Em suma, aquilo que forma e constitui a Igreja não é simplesmente a associação de pessoas ou um conjunto de interesses humanos que se estabelece entre eles, mas a ação do Espírito Santo, de tal modo que a Igreja é chamada a existência por obra do *Pneuma*. Desse modo, é que entendemos a caráter salvífico da Igreja, que deixa de ser uma simples instituição humana e passa a ser instrumento visível da ação de Deus no meio dos homens.

### 2.3. Espírito Santo, Alma da Igreja

De início, reafirmamos a relação entre o Espírito Santo e a Igreja, e não há como separar uma realidade de outra. E mais, os grandes Escolásticos entendiam que o Credo (profissão de fé) explicitava que, ao se acreditar no Espírito Santo, também deveria acreditar que Ele é capaz de unificar, santificar, catolicizar, e apostolicizar a Igreja<sup>113</sup>. Desse modo, sabemos que a Igreja vive pelo Espírito, e de outro modo "onde está o Santo Espírito, al está a Igreja"<sup>114</sup>. Em outras palavras, podemos dizer que desde a comunidade primitiva, sempre se compreendeu a existência da Igreja como sendo uma realidade intimamente ligada à terceira pessoa da Trindade.

A terminologia empregada ao Espírito, denominando-o "*Alma da Igreja*", não é bíblica. Não obstante, seu conteúdo se encontra perfeitamente descrito nos escritos

---

<sup>112</sup> Podemos entender a divinização como obra realizada por Cristo Salvador e vista também como ação divina que se realiza nas almas, ou seja, entre a assunção da humanidade de Jesus e a união de Cristo com a Igreja. Os padres reinterpretando a riquíssima tradição bíblica (...) desenvolvem uma teologia da divinização. () Os padres apostólicos e apologistas gregos viam a união íntima com Deus numa perspectiva escatológica, pondo em relevo o dom divino da imortalidade (aphatarsia), assegurado pela ressurreição de Jesus e pela Eucaristia e conferido na Parusia do Senhor. (Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs *op.cit.* p 418)

<sup>113</sup>Cf. DS 150.

<sup>114</sup> Irineu, Adv. Haer. III, 24, 1. *apud* Catecismo da Igreja Católica, n. 797.p. 230.

paulinos, como, por exemplo, no texto de Coríntios: “porque em um só Espírito fomos batizados para não formarmos mais que um só corpo”<sup>115</sup>.

Os padres da Igreja, bem como o Magistério, de modo geral, entenderam esta relação como algo vital, exatamente como é a alma para o corpo humano. A este respeito assegura Hugo de São Vitor<sup>116</sup>:

“Do mesmo modo que o Espírito de homens, pela cabeça desce para vivificar os membros, assim também o Espírito, por Cristo, vem ad os cristãos. De fato, Cristo é a cabeça o cristão é o membro. A cabeça é uma, os membros são vários, e forma-se um único corpo de cabeça e membros. Portanto, se o corpo é um só e o Espírito é um só, aquele que não está no corpo não pode ser vivificado pelo Espírito A Santa Igreja o corpo de Cristo, ela é vivificada por um só Espírito, unida e santificada por uma só fé Cada um dos fiéis é membro desse corpo todos formam um só corpo porque a Espírito é único e a fé é única. Do mesmo modo que no corpo humano, onde cada um dos membros tem sua função própria e distinta, mas não é para si só que opera o que ele opera por si só, assim também, no corpo da santa Igreja, os dons da graça são distribuídos aos indivíduos e, todavia, nenhum deles tem para si só aquilo que ele é o único a ter”<sup>117</sup>.

São João Crisóstomo, em sua primeira homilia sobre Pentecostes, dizia que em todas as coisas que se realizam no santuário, não há nada que venha do homem. Se o Espírito não estivesse presente, a Igreja não formaria um todo bem consciente: a consistência da Igreja manifesta a presença do Espírito<sup>118</sup>.

A respeito dessa metáfora "corpo-alma" se descreve a ação conjunta de Cristo e do Espírito sobre a Igreja: Cristo enquanto cabeça faz fluir a graça da vida a cada um de seus membros e o Espírito por sua vez é a Alma que a vivifica, inspira e mantém. Na realidade esta metáfora mostra a atuação conjunta de Cristo, com o Espírito, por meio da Igreja. É a forma ordinária e pedagógica escolhida por Deus para levar o homem ao pleno conhecimento da Verdade, até que ele alcance a salvação.

O Espírito habita na Igreja não como um hóspede, muitas vezes estranho e indiferente, mas a habita como Alma que transforma a eclesialidade em “templo

<sup>115</sup> Cf. 1 Cor 12, 13.

<sup>116</sup> Agostinho dirá posteriormente: "Pois como está a alma para o corpo do homem, assim está o Espírito Santo para o corpo de Cristo, que é a Igreja. O Espírito Santo faz em toda a Igreja o que faz a alma nos membros de um corpo. (AGOSTINHO, Sermão 267. 4. 4: PL 38, 1281.), *apud*, Catecismo da Igreja Católica, n. 797.p. 230.

<sup>117</sup> De Sacramentis II, pars 2, c.1 (PL176, 415), *apud*, CONGAR. Yves. Revelação e experiência do Espírito São Paulo: Paulinas, 2005, (vol 1).p. 155.

<sup>118</sup> CHRYSOSTOME S. Jean. Oeuvres complètes, tomo III. Bar-le-Duc, 1869, pp 263-264.

santo de Deus” e a assinala continuamente por meio de seu dom específico, que é a caridade.

A respeito desta analogia escreve o teólogo Lucas Seco:

“Deve ser compreendida em sentido forte o Espírito Santo como alma de Igreja, porque Ele é como o princípio vital, o princípio primeiro e radical, do qual brota a vida cristã. Dele brota a vida sobrenatural (cf Rm 8,11) Dele brotam os dons e carismas (cf. 1 Cor 12,1-11), e dele brotam os frutos e a liberdade cristã (cf. Gl 5, 13-25); Dele provém a vida nova em Cristo”<sup>119</sup>.

E mais ainda, parece-nos razoável quando nos referimos ao termo Alma, reafirmamos que o Espírito é na verdade aquele que dá a vida e, em especial, a vida divina. Ele é o divinizador e o doador da vida. Desse modo, o Espírito é tido como princípio vital desse Corpo, que está ligado à Cabeça e aos membros, que age unindo e vivificando todo este corpo.

O Espírito é o princípio de unidade e de vida da Igreja, e não simplesmente a um mero “ornamento”, enviado à Igreja para causar-lhe a plenitude da beleza; muito menos um dom suplementar que, de uma forma ou de outra, possa proteger a sua imagem ou indefectibilidade.

Na verdade, o Espírito não é dado para que constitua uma parte do todo, mas, para que, indubitavelmente, seja o ser (esse) que a faça existir. Por isso, afirmamos que a Igreja nasce de Pentecostes e vive por esta realidade. Isto que asseguramos acima implica num influxo constante e numa presença perene. Daí se entende a ênfase dada a tal analogia, que somente uma união tão indivisa e dinâmica como é a do corpo com a alma conseguiria representar a dinâmica do Espírito na vida da Igreja.

É imprescindível ressaltar que a alegoria “alma” do Corpo de Cristo deve ser compreendida com uma chave de leitura Trinitária, pois assim como o Espírito realiza no seio da Trindade um vínculo de unidade entre o Pai e o Filho, da mesma forma o realiza no seio da Igreja unindo os seres humanos a Cristo Cabeça e entre si. Trata-se da missão Pneumática de estabelecer a unidade; a mesma condição que o Espírito possui na Trindade, se prolonga no Corpo de Cristo. A presença do

---

<sup>119</sup> Esta analogia ha de entenderse em sentido fuerte: el Espiritu Santo es como el principio vital, el principio primero y radical, del cual brota la vida cristiana: de Él brota la vida sobrenatural (cfr Rm 8, 11), de Él brotan los dones y carismas (cfr 1Co 12,3-11); de Él brotan los frutos y la libertad cristiana (cfr Ga 5, 13-25); ...de Él procede la vida nueva en Cristo (SECO, Lucas F. Mateo; Teología Trinitaria Dios Espíritu Santo, p. 209)

Espírito na Igreja e, por conseguinte na vida do cristão, está intimamente ligada ao processo de deificação do homem, uma vez que é o próprio Paráclito<sup>120</sup> que une os homens ao Cristo, e o faz por meio de seus “mecanismos de santificação”: os Dons, os Carismas, os Ministérios, a Liturgia, os Sacramentos. Enfim, o Pnêuma é a via ordinária, é a raiz de todos os dons divinos concedidos à humanidade, e especificamente, à Igreja.

Efetivamente, o Espírito, único e idêntico na cabeça e nos membros, dá ao Corpo inteiro a vida, a unidade e o movimento. Por isso, os santos Padres puderam comparar sua função com a da alma, que exerce o princípio vital<sup>121</sup>.

Por fim, dizemos que quando o Espírito manifesta a Pessoa do Cristo a cada indivíduo, para que n'Ele creia, na verdade, o Espírito realiza sua missão primordial e o transforma em discípulo, a partir da experiência da fé amorosa no Verbo encarnado, o Ungido do Pai.

#### **2.4. O Espírito como fonte de fé pessoal e comunitária da Igreja**

A História da Salvação é a progressiva auto-comunicação de Deus à humanidade, que tem em Jesus Cristo, seu clímax. Deus Pai quer fazer participar, por meio do Verbo encarnado, da sua vida, a todos os seres humanos. O desejo de Deus, na verdade, é dar-se a conhecer, e esta autocomunicação de Deus acontece no Espírito Santo, vínculo de amor entre a Trindade e a humanidade. E mais, sabemos que este dar-se a conhecer é um chamamento à amizade, na qual as transcendentais “profundezas de Deus” são abertas à participação do homem<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> No grego profano, a palavra significa a pessoa chamada para ficar ao lado de alguém que necessita de assistência, particularmente em processos legais. Pode ser chamado advogado, intercessor ou ajudador. É provável que a palavra esteja estreitamente relacionada com a função do espírito da verdade como "ajuda" nos documentos de Qumrã e esse significado corresponde melhor às ocorrências bíblicas da palavra. (...) O termo não é usado na LXX e apenas cinco vezes no Novo Testamento. JOHN L. MCKENZIE, Dicionário Bíblico, São Paulo: Paulus, 1983. p 692.

<sup>121</sup> Segundo Denzinger: "A esse Espírito de Cristo, (...) deve atribuir-se também a união de todas as partes do Corpo tanto entre si como com sua Cabeça, pois ele está todo na Cabeça, todo no Corpo e todo em cada um dos membros. É ele que, com o hálito de vida celeste, em todas as partes do corpo é o princípio de toda a ação vital e verdadeiramente salutar. É ele que, embora resida e atue divinamente em todos os membros. contudo também opera nos inferiores pelo ministério dos superiores; é ele enfim que produz na Igreja com a inspiração de sua graça novos incrementos, mas recusa habitar com a graça santificante nos membros totalmente cortados do corpo" (DENZINGER-HUNERMANN. Compendio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral, SP, Paulinas, 2007 N 3328; 3808).

<sup>122</sup> JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*. São Paulo: Vozes, 1987, n. 34.

No Espírito Santo, Deus se abre ao homem, criado como indivíduo dotado de liberdade e capaz de acolher esta autorevelação divina. O Catecismo da Igreja Católica afirma que o homem é *Capax Dei*<sup>123</sup>, ou seja, capaz de conhecer a Deus e de acolher e viver uma relação pessoal com aquele que é origem da vida.

Joseph Ratzinger soube muito bem explicar a realidade da abertura do homem para Deus apresentando-a como sendo uma experiência de encontro e plenitude. Assim ele escreve:

“Graças a um amor cumulado, graças a um encontro feliz, o homem experimenta um dom superior que por si não saberia suscitar nem criar; o homem compreende que, nesse encontro recebe muito mais do que poderia dar. Na luminosidade e na alegria de tal encontro, entrevê a proximidade da alegria e do encontro absoluto que corresponde a todo encontro humano”<sup>124</sup>.

Esse encontro, do qual fala Ratzinger, se diz quando o homem, de forma ativa, participa da vida com Deus. Tal encontro pode ser considerado como um êxodo de si para acolhê-lo e para dar-se a Ele. Como o mistério da morte, que dá espaço à vida, tal é a experiência que brotará do encontro do homem com o Deus, que é um fogo abrasador<sup>125</sup>. E a experiência do Espírito, ao qual se dirige a oração da Igreja: “Vinde Espírito Santo enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor”.

O encontro e o conhecimento de Deus, significa comunicar-se com Ele por meio de Jesus no poder operante do Espírito, e conhecê-Lo: Assim nos transcreve Simeão, o novo teólogo:

“De fato, qual é a chave do conhecimento senão a graça do Espírito Santo dada mediante a fé, a qual com a iluminação produz realmente conhecimento e a plena consciência? Com efeito, se o Espírito Santo e denominado chave, é por que por ele e nele, antes de tudo, o nosso espírito fica iluminado e, uma vez purificados, somos iluminados com a luz do conhecimento e, em seguida batizados pelo alto, regenerados (cf. Jo 33.5) e feitos filhos de Deus”<sup>126</sup>.

---

<sup>123</sup> Catecismo da Igreja Católica, n 27.

<sup>124</sup> RATZINGER, Joseph, *Foi chrétienne hier et aujourd'hui* Mame, Paris, 1969, p.58.

<sup>125</sup> Cf. Dt4,24.

<sup>126</sup> Cf SIMEÃO, Catequese, XXXIII. apud, CONGAR, Yves *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulinas Paulo 2005, (vol 1), p.205.

O homem adentra a Igreja quando adere, pela fé<sup>127</sup>, a Palavra que lhe é proclamada. Sabemos que nenhuma razão humana nos é suficiente para justificar tal adesão a Deus, a não ser uma experiência profunda advinda do Espírito Santo. Desse modo, compreendemos que é por virtude do Espírito Santo que o homem adquire a fé. “Ninguém pode dizer Jesus é o Senhor, a não ser pelo Espírito Santo”<sup>128</sup>:

“Da mesma origem formal que a habitação de Deus em nós do Espírito Santo que possibilita a nossa fé na revelação de como “espaço” único e abrangente Deus em Jesus Cristo. Todo encontro de fé com o Deus que nos agracia acontece no Espírito Santo, sem essa pré-condição do espaço do encontro, proporcionado por Deus e que nos abre os olhos, ou seja, sem o Espírito Santo, não pode haver fé. Pois só quem se permite entrar na amorosa relação entre o Pai e o Filho, neste Espírito que os une, pode ganhar os olhos do amor, com os quais pode reconhecer no Jesus histórico o Filho eterno do Pai. No Espírito Santo ficamos inteiramente preenchidos<sup>129</sup> e tomados por ele, de sorte que podemos confessar na fé: “Jesus Cristo é o Senhor!” (Rm 10,9), Vale, pois, para uma teoria teológica do conhecimento: Deus, por assim dizer, já está no Espírito lá onde ele chega por meio do *Lógos*”<sup>130</sup>.

Assim, os “dois braços de amor do Pai, Cristo e o Espírito”, operam de maneira unida, mas não confundindo-se: um exprime, outro imprime; um é palavra, outro é sopro que a acompanha e a introduz no coração do crente: “Efetivamente, ninguém pode acolher a pregação evangélica sem a iluminação e a inspiração do Espírito Santo que dá a todos a doçura em consentir na verdade e em crer nela”<sup>131</sup>.

Uma das formas de ação do Espírito na vida dos cristãos é levá-los a viver de e para Cristo, é possibilitar a adesão, pela fé, à Pessoa de Jesus Cristo e, desse modo, pelo mesmo dinamismo do Espírito, mover os fiéis a assumirem em suas vidas a própria existência de Cristo.

---

<sup>127</sup> Cf. Compreensão de fé: Para a bíblia, a fé é a resposta integral do homem a Deus, que se revela como salvador. Ela acolhe as palavras, as promessas e os mandamentos de Deus, e simultaneamente submissão confiante a Deus que fala, e adesão do espírito a uma mensagem de salvação. O Antigo Testamento insiste no aspecto da confiança: o Novo salienta mais o assentimento à mensagem. No que tange ao vocabulário fundamental da fé, ele evoca a solidez daquele em quem a fé se apoia, assim com a segurança e a confiança de quem se apoia em Deus. (LATOURELLE, René. Dicionário de Teologia Fundamental, Petrópolis, Vozes, 1994. p 319).

<sup>128</sup> Cf. 1 Cor 12, 3.

<sup>129</sup> Cf. Santo Irineu, *Adversus Haeresis*, 6,1. apud., SECO, Lucas F. Mateo. *Sobre la procedencia del Espiritu*. Pamplona: Ed. Universidad de Navarra, 1998.p. 101.

<sup>130</sup> KEHL, Medard, *op. cit.* p. 64.

<sup>131</sup> DENZINGER. *op.cit.* n.377, 3010;

O Espírito procede como Amor, e age como dom numa relação de mão dupla. Por um lado, na extraordinária abertura de Deus a nós<sup>132</sup>; e por outro, quando nos faz dóceis ao acolhimento de adoração, prosternação, por meio da fé obediente ao Dom que vem do alto.

E bom chamar atenção para esta realidade do encontro de amor entre Deus e as homens que realiza-se por obra do Espírito. O Sopro de Vida se exprime e se faz ouvir por meio da oração; e é salutar perceber que onde quer que se reze no mundo, aí está o *Pneuma*. Assim sendo, entendemos que o Espírito Santo é o Dom, que vem em auxílio da nossa fraqueza<sup>133</sup>. Neste sentido afirmava João Paulo II: “A oração, por obra do Espírito Santo, toma-se a expressão cada vez mais amadurecida do homem novo que, através dela, participa na vida divina”<sup>134</sup>.

A fé não se manifesta apenas em âmbito pessoal, mas também comunitário. E a Igreja se manifesta como meio concreto e eficaz para esta relação entre Deus e os homens, uma vez que ela constitui o “lugar” onde os cristãos ou os catecúmenos escutam a Palavra, aderem ao Batismo e passam a relacionar-se por meio de uma vida de fé. E é o Espírito que possibilita a fé pessoal e comunitária em Jesus Cristo.

A assembleia litúrgica é a principal realidade visível que caracteriza a fé dos cristãos, è nela que os crentes são introduzidos pelo Batismo e formam uma unidade pela escuta da Palavra e pelo Pão repartido, na Eucaristia. Desse modo, encontramos no relato dos Atos dos Apóstolos que a Comunidade Primitiva dos Cristãos se mantinha perseverante desde a vinda do Espírito Santo e “se mostravam assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”<sup>135</sup>. É importante ressaltar que o Concílio Vaticano II nos assegura que<sup>136</sup>:

“Desde o dia de Pentecostes, a Igreja nunca deixou de reunir-se para celebrar o Mistério Pascal: lendo “tudo quanto a Ele se referia em todas as Escrituras”(Le) 24,27), lembrando a Eucaristia, na qual “se torna novamente presente a vitória e o triunfo sobre a morte” e, ao mesmo tempo, dando graças a Deus pelo dom inefável”( 11 Cor9,15)

<sup>132</sup> Segundo João Alfaro, “mediante a graça Deus comunica-se e manifesta-se em si mesmo, sem outra mediação que a sua inefável atração para ele, enquanto o homem conhece de maneira não conceptual a Deus, vivendo o seu chamado. Tal conhecimento não é visão de Deus, nem sua experiência imediata, mas tensão viva para ser transcendente em si mesmo e (nesta tensão) captação não conceptual do seu termo, que é o absoluto que se doa gratuitamente”. (ALFARO, João. A fé como entrega pessoal do homem, São Paulo: Educ. 1967, p. 54).

<sup>133</sup> Cf. Rm 8, 26.

<sup>134</sup> João Paulo II, *op.cit.* p.65.

<sup>135</sup> Cf. At 2, 42.

<sup>136</sup> Cf. SC 14.

em Jesus Cristo, "para louvor de sua Glória (Ef 1,12), pela força do Espírito Santo"<sup>137</sup>.

Jamais podemos negar que a fé Comunitária se manifesta na Assembleia Litúrgica. Enquanto povo que se reúne em torno do mesmo Altar, pela Ação do Espírito Santo, este renova o Memorial da Paixão Morte e Ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, que é oferecido como oferta de suave odor ao Pai. Destarte, constatamos que é justamente por meio da Assembleia Litúrgica a Igreja realiza e experimenta profundamente o mais alto grau da vitalidade religiosa.

Nota-se, que não pode existir Liturgia no sentido próprio do termo, sem a presença do Pneuma, pois, se por um lado ela é a Comunicação do Espírito que realiza a presença de Cristo Glorificado, por outro, a liturgia é também voz do Espírito Santo em Cristo-Igreja para a glória do Pai. A Liturgia é vida que culmina na celebração para que o mistério atinja sua finalidade última, que é a de prestar culto em espírito e verdade.

Todavia, "a participação na Sagrada Liturgia não esgota toda a vida espiritual"<sup>138</sup> do cristão. Desse modo, não deve ser absolutizada ou contraposta à ideia vigente em muitos lugares, ainda hoje de desprezo as devoções particulares, e/ou outras formas de oração. A este respeito afirma João Paulo II:

"Também a piedade popular é uma demonstração contínua da presença atuante do Espírito Santo na Igreja. Ele acende nos corações a fé, a esperança e a caridade. virtudes excelsas que dão valor à piedade crista. O próprio Espírito da nobreza as numerosas e variadas formas de transmitir a mensagem crista segundo as culturas e os costumes de cada lugar em todos os tempos"<sup>139</sup>.

É o Espírito Santo que, comunicado na Assembleia a cada fiel individualmente, o acompanha em unidade e em comunhão com toda Igreja. O Pneuma é a criação do povo de Deus, sinal da Nova Aliança em Cristo, povo do perpétuo culto prestado ao Pai "em Espírito e em Verdade", como templo vivo, lugar por excelência do culto, que recapitula toda e qualquer expressão de glória e de graças à Trindade. É o Espírito, presente e operante, que constitui a fonte de fé

---

<sup>137</sup> Cf. SC 6.

<sup>138</sup> Cf. SC 12.

<sup>139</sup> João Paulo II, Homilia pronunciada em La Serena (Chile), em 5 de Abril de 1987.

pessoal e comunitária<sup>140</sup>. Ele é verdadeiramente o princípio vivificante da ação litúrgica celebrada na terra, que já pertence à ordem das realidades celestes.

Em suma, sabemos que a iniciativa do “Deus invisível, na riqueza de seu amor, fala aos homens como amigos e convive com eles para convidá-los a admiti-los à comunhão com Ele”<sup>141</sup>; e por outro lado, o homem, por meio da escuta da Palavra e, acima de tudo, seduzido e conduzido pelo Espírito Santo, adere a fé pessoal e, em seguida, se abre a experiência de Deus num nível de relacionamento comunitário. E justamente, na Assembleia Litúrgica que o fiel passa a viver uma vida no Espírito, mediante uma experiência Sacramental constante.

### Capítulo III

#### **A ação pluriforme do Espírito nos "Últimos Tempos"**

A plenitude da divindade habita entre os homens na pessoa do Cristo e, por Ele, a nossa humanidade entrou em comunhão eterna com o Pai. Essa plenitude, celebrada na eternidade está presente no nosso “já”. Com efeito, em Cristo, nós já estamos no hoje de Deus<sup>142</sup>. Sendo assim, o advento da Igreja dá início aos “últimos tempos”.

Os últimos tempos são irrigados pelo grande "rio" do Espírito, que faz brotar a plenitude dos tempos, e arrasta para sua consumação final. Com o Pentecostes, a Igreja nasce e adentramos estes últimos tempos, que nos preparam para a consumação final.

---

<sup>140</sup> O fundamento do "sentido da fé" do povo, Segundo a *Lumen Gentium*, é a unção recebida pelo Espírito Santo, de tal forma que, quando a totalidade do povo crê, não pode se equivocar, em outros termos, a "Unção do Santo" é o fundamento do *Sensus Fidei* do Povo de Deus; é o próprio Espírito quem faz os batizados "teólogos comunitários" e *Theodidáktos*. (SANTANA, Luiz Fernando. *O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã*. Rio de Janeiro: Bom Pastor, 29)

<sup>141</sup> *Dei Verbum*, n.2.

<sup>142</sup> Cf. Hb 3,13.

### 3.1. Os Sacramentos<sup>143</sup> como sinais da atuação do Espírito Santo na vida da Igreja

A Igreja é sacramento primordial da salvação, como já nos lembra o Concílio Vaticano II<sup>144</sup>, e realiza por meio dos sinais sacramentais o cumprimento de sua missão de santificar todo o homem. Enquanto sacramento de Cristo<sup>145</sup> a Igreja prolonga a presença de Cristo no mundo. Suas ações salvíficas são continuadas por aqueles que Ele escolheu desse modo, portanto, a Igreja torna-se para o mundo instrumento privilegiado de encontro com o Senhor, e de maneira concreta, podemos dizer que esse encontro se dá pelos sacramentos que são distribuídos na Igreja.

Acerca dessa realidade Schillebeeckx concluiu:

“Temos do lado de Cristo, a possibilidade do encontro, e ela é dada positivamente. Mas, encontro humano inclui reciprocidade. Nos homens terrestres de podemos encontrá-lo em sua carne viva por causa da sua invisibilidade celeste. Daí se segue que, se Cristo não der, de uma maneira ou de outra, a sua corporeidade celeste uma visibilidade no plano de nosso mundo terrestre, a redenção não será mais, para nós, ela não voltará mais para nós sua face. Sua mediação humana seria, então, propriamente falando, sem significado para nós (...) Eis portanto os sacramentos, a face da redenção voltada para nós, de forma que possamos realmente encontrar nela Cristo vivo. O ato celeste de salvação, que nos é invisível, torna-se visível no Sacramento”<sup>146</sup>.

<sup>143</sup> Apresentamos aqui, algumas noções que descrevem os Sacramentos e como eles foram compreendidos ao longo da História da Igreja. Em primeiro lugar, o Código de Direito Canônico Can. 840 nos dá a seguinte descrição a respeito do que vem a ser os sacramentos: "Os sacramentos do Novo Testamento, instituídos pelo Cristo Senhor e confiados à Igreja, como ações de Cristo e da Igreja, constituem sinais e meios pelos quais se exprime e se robustece a fé, se presta culto a Deus e se realiza a santificação dos homens; por isso, muitos concorrem para criar, fortalecer e manifestar a comunhão". Já no Catecismo da Igreja Católica no número 1084 encontramos: "Os Sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a Graça que significam em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo". Segundo o teólogo Luiz Fernando R. Santana, "por muito tempo existiu na Igreja um conceito restritivo de sacramento. Esta palavra era usada e pronunciada unicamente com referência a um dos sete sacramentos ou ritos sacramentais da Igreja (...) o que causou um grande empobrecimento (...) pois a realidade sacramental não é suficientemente expressa reduzida ao setenário sacramental (...) até porque existem outros centros de sacralidades, fato esse que não é nenhuma novidade até porque até o séc. XII a palavra "sacramento" era usada para designar outras realidades distintas dos sete sacramentos (...) só a partir do séc. XIII, após o Concílio de Trento que houve a delimitação da palavra para indicar apenas os sete sacramentos (...) o Concílio Vaticano II por sua vez usou a palavra "sacramento em seu sentido mais, original. (SANTANA, Luiz Fernando. Apostila de Introdução aos Sacramentos, p 13-15).

<sup>144</sup> Cf. LG n 1.

<sup>145</sup> A Igreja é, por sua vez, sacramento de Cristo para comunicar aos homens a vida nova. Os sete sacramentos da Igreja concretizam e atualizam esta realidade sacramental para as diversas situações da vida. Por isso, não basta recebê-los de forma passiva, mas sim inserindo-nos vitalmente na comunhão eclesial. Pelos sacramentos Cristo continua, mediante a ação da Igreja, encontrar-se com os homens e salvá-los". (Documento de Puebla n. 922)

<sup>146</sup> SCHILLEBEECKX, op. cit. p 50, 51. Segundo o Can. 834 p.1: encontramos: "A Igreja desempenha o seu múnus de santificar, de modo especial

Segundo Ratzinger, a ideia sacramental<sup>147</sup> constitui o mago do conceito de Igreja: “Igreja e Sacramento se condicionam mutuamente, sem os sacramentos, a Igreja não passaria de uma organização vazia, e sem a Igreja os sacramentos seriam ritos carentes de sentido e nexos internos”<sup>148</sup>.

Esta sacramentalidade da Igreja se manifesta pelo testemunho, pelo anúncio da salvação, pela caridade fraterna e sobretudo pelos ritos sacramentais, tradicionalmente chamados de “sete sacramentos”.

O Documento *Lumen Gentium*, nos ensina que “a Igreja é, em Cristo, o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”<sup>149</sup>.

Esta sacramentalidade se manifesta de forma efetiva, sobretudo nos sete ritos sacramentais, a saber: Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Unção dos enfermos,

Matrimônio e Ordem. Dentre eles destacamos os três Ritos de Iniciação Cristã<sup>150</sup>: o Batismo, Crisma e Eucaristia, por serem considerados a porta de entrada para a Igreja.

É bom que tenhamos em mente que durante o período da Igreja primitiva, os fiéis em sua maioria eram adultos e existia uma preocupação de que eles não apenas tivessem a vida nova (Batismo), mas, também a plenitude do Espírito Santo (Crisma) e participassem da Comunhão por meio da fração do pão (Eucaristia).

Os crentes respondem a Palavra de Deus, se tornam membros do Corpo de Cristo e ficam estreitamente unidos ao Senhor Jesus: Neste corpo, a vida de Cristo se difunde por meio dos cristãos que os sacramentos, de forma misteriosa e real, unem a Cristo sofredor e glorificado. Isto é particularmente verdade com relação ao Batismo, pelo qual somos unidos à morte e ressurreição de Cristo, com relação à Eucaristia, pela qual participando realmente do corpo de Cristo, somos elevados à

---

<sup>147</sup> Segundo o Can. 834 p.1: encontramos: “A Igreja desempenha o seu múnus de santificar, de modo especial por meio de sagrada Liturgia”. Entre as ações litúrgicas, os Sacramentos ocupam um lugar de destaque. (CÓDIGO DE DIREITO CANONICO. São Paulo: Loyola, 2005).

<sup>148</sup> RATZINGER, Joseph; *Introdução ao Cristianismo*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 249.

<sup>149</sup> LG n1.

<sup>150</sup> Existe uma unidade entre os sacramentos da Iniciação crista: que começa com o batismo, amadurece com o sacramento da crisma e se consuma precisamente na Eucaristia; e em todos estes paços se encontra a presença santificadora do Espírito Santo.

comunhão com Ele e entre nós, e pelo Crisma, que somos impelidos pela força do *Pneuma* a testemunhar ao mundo os valores que Cristo nos deixou.

Devemos situar os Sacramentos da Iniciação crista, e em relação à atividade do Cristo em sua Igreja e na estreita dependência pneumatológica que ela possui. Visto serem atos de Cristo Cabeça na Igreja, os Sacramentos da Iniciação Cristã estão em íntima relação com o dom do Espírito infundido nos apóstolos e na igreja no dia de Pentecostes. Isso nos permite concluir que, tanto ontem como hoje, a via de acesso à Igreja, franqueada pela Iniciação Cristã, acontece por meio de um novo e contínuo Pentecostes, o qual a torna uma verdadeira e legítima experiência carismática<sup>151</sup>, por esse mesmo motivo nos deteremos apenas nos sacramentos da Iniciação Cristã.

### 3.1.1. Batismo

O Batismo<sup>152</sup> é o sacramento primeiro que insere o fiel na comunidade cristã. Este mesmo sacramento é considerado como “lugar” de regeneração e de renovação no Espírito<sup>153</sup> tal como um novo nascimento. Assim compreendemos as palavras que Jesus disse a Nicodemus: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do alto não pode ver o Reino de Deus".

A Tradição Patrística compara as águas batismais, fecundadas pelo Espírito, ao seio da mãe que gera a vida. Diz S. Leão Magno: “E Cristo que, nascido do Espírito Santo e de uma mãe virgem, fecunda com o mesmo sopro a Igreja imaculada, para que, com o parto do Batismo, gere a multidão dos filhos de Deus”<sup>154</sup>. Já Novaciano sintetiza a doutrina do Espírito Santo no Batismo dizendo que:

“O Espírito Santo realiza o segundo nascimento a partir das águas, é a semente da estirpe divina e aquele que consagra o

<sup>151</sup> SANTANA, Luiz Fernando. O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã, op. cit., p. 25.

<sup>152</sup> Segundo o Catecismo da Igreja Católica n.1213, temos a seguinte definição: "O santo Batismo é o fundamento de toda a vida crista, o pórtico da vida no Espírito, e a porta que dá acesso aos demais sacramentos. Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, tomamo-nos membros de Cristo, e somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão. Catecismo da Igreja Católica n.1213. p.340.

<sup>153</sup> Cf. Tt 3, 5.

<sup>154</sup> S. Leão Magno; Sermões, LXIII, 6. apud., SECO, Lucas F. Mateo. Sobre la procedencia del Espiritu. Pamplona: Ed. Universidad de Navarra, 1998. p.45.  
KEHL, Medard, op. cit. p. 64.

nascimento celeste, penhor da herança prometida e como um quirógrafo da Salvação eterna; ele faz com que sejamos, templos de Deus e sua morada; habita em nossos corpos como autor de santidade; agindo assim em nós, faz que os nossos corpos avancem em direção à ressurreição da imortalidade”.<sup>155</sup>

Uma outra dimensão da eficácia deste Sacramento é a justificação do fiel no Espírito. Uma vez regenerado, o cristão constata o seu efeito: é liberto dos pecados, como nos diz Paulo: “você que foram lavados, foram santificados e reabilitados pelo nome do Senhor Jesus e pelo Espírito de nosso Deus”<sup>156</sup>. O sentido das palavras traduz o sentido literal de “morrer” para os pecados, afim de “nascer” para uma vida nova.

Um exemplo bastante conhecido que a Tradição Cristã fornece ao tratar da imersão batismal é a imagem da morte. O cristão é aquele que se levanta da água e renasce para uma vida nova. A este respeito no diz Basílio de Cesaréia:

“O Batismo tem dupla finalidade: abolir o corpo do pecado, para não darmos frutos para a morte: viver do Espírito para carregarmos frutos de santidade. A água oferece a imagem da morte, recebendo o corpo como se fosse um túmulo. O Espírito infunde a força vivificante, renovando nossa vida do estado de morte do pecado ao estado da vida original. Isso significa renascer do alto, da água e do Espírito; morremos na água, mas o Espírito realiza em nós a vida”<sup>157</sup>.

Pelo Batismo somos, no Espírito, incorporados, por Cristo, à Igreja. No sentido forte palavra, nos tornamos um só com Ele e essa união, por sua vez, leva à fusão de todos os batizados entre si, obra do Espírito Santo que une o corpo místico de Cristo<sup>158</sup>. Desse modo, o Batismo nos incorpora à Igreja e a partir de então nasce o único povo de Deus.

<sup>155</sup> NOVACIANO; A Trindade, 29, 16. Apud., CANTALAMESSA op. cit. p. 9.

<sup>156</sup> Cf. I Cor. 6, 11.

<sup>157</sup> S. Basílio de Cesaréia; O Espírito Santo, XV, 35, *apud.*, COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Senhor a terra está repleta do Teu Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.p.37.

<sup>158</sup> Em I Cor12, 13 se lê: “Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito”.

Por meio do Batismo todo fiel é marcado com um selo espiritual<sup>159</sup> e incorporado a Cristo Nele somos configurados a Cristo, e recebemos as suas feições.

Segundo os Padres Ocidentais, o Batismo é conferido conjuntamente com o Sacramento do Crisma. São Cipriano afirma que é um “sacramento duplo”, embora o Batismo e a Crisma sejam distintos sem serem separados. Existe entre eles uma relação distinta e de continuidade, uma vez que ambos são conferidos pelo Espírito, no entanto, com finalidades diversas.

### 3.1.2. Crisma ou Confirmação

Afirmamos que o Sacramento da Confirmação, como em um novo Pentecostes, outorga o dom do Espírito Santo para converter os fiéis em discípulos e profetas, verdadeiros mártires, com a finalidade de fortificá-los para que, cumpram a missão que lhes foram confiados: serem discípulos e missionários, homens e mulheres capazes de testemunhar a fé em Jesus Cristo, onde estiverem. Isto quer dizer que a Confirmação é considerada legitimamente como uma participação nova no sacerdócio de Cristo e em sua missão profética.

O Sacramento da Crisma ou Confirmação nos torna participantes do mistério de Pentecostes. Paulo VI vai afirmar a respeito desta realidade que:

“Desde aquele tempo, os Apóstolos, em cumprimento da vontade de Cristo, comunicavam aos neófitos, pela imposição das mãos, o dom do Espírito Santo, destinado a contemplar a graça do batismo (...). E exatamente essa imposição das mãos que com razão é considerada pela Tradição Católica como primeira origem do sacramento da Confirmação, o qual, de algum modo, faz que a graça de Pentecostes seja perene na Igreja”<sup>160</sup>.

A Confirmação é dada uma só vez, pois imprime na alma uma marca espiritual além de conferir um *caráter*<sup>161</sup>. Este caráter tem como objetivo primordial

<sup>159</sup> Catecismo da Igreja Católica, n.1212.

<sup>160</sup> PAULO VI, *Const. Apostólica Divinae Consortium Naturae*, n 7.

<sup>161</sup> Cf. DS 1609.

aperfeiçoar o sacerdócio comum dos fiéis, recebido no Batismo, a saber o tríplice poder: *de sacerdote, profeta e rei*<sup>162</sup>.

Todos aqueles que se aproximam deste sacramento, por um lado, são marcados pelo Espírito, quando pelas palavras do bispo<sup>163</sup>, são unguídos com o Óleo<sup>164</sup> do Crisma para significar nossa pertença ao Cristo, a total entrega para o Seu serviço; e por outro lado, a confirmação abarca em si um caráter de auxílio para os cristãos diante dos percalços do caminho rumo a perfeição<sup>165</sup>.

O efeito deste sacramento é a efusão especial do Espírito Santo, como foi outorgado outrora aos apóstolos no dia de Pentecostes, e visa enraizar o fiel mais profundamente na filiação divina<sup>166</sup>, unir mais solidamente a Cristo, aumentar os Dons do Santo Espírito<sup>167</sup>.

É imprescindível ressaltar que na Crisma o Espírito confere por excelência os seus sete dons. Na verdade, dos dons<sup>168</sup> emana a força pela qual o crismado, que já

---

<sup>162</sup> São Leão Magno, séc. V, revela o sentido primordial desta tríplice missão quando nos diz: “Todos os que renasceram em Cristo obtiveram, pelo sinal da cruz, a dignidade real e, pela unção do Espírito Santo, receberam a consagração sacerdotal. Por isso, não obstante o serviço especial do nosso ministério, todos os cristãos foram revestidos de um carisma espiritual que os tornam membro desta família de reis e deste povo de sacerdotes. Não será, na verdade, função régia o fato de uma alma, submetida a Deus, governar o seu corpo? E não será função sacerdotal consagrar ao Senhor uma consciência pura e oferecer no altar do coração a hóstia imaculada da nossa piedade? (Sermões 4,1). Apud., *Catecismo da Igreja Católica*, n.1289.

<sup>163</sup> O Bispo diz: “Recebe por este sinal o Espírito Santo Dom de Deus”, ou então, “Receba o selo do Dom do Espírito”.

<sup>164</sup> Santo Atanásio no explicar o sentido da unção diz: "O espírito é definido como unção e selo (...) a unção tem o perfume e o odor daquele que unge, de modo que aqueles que são unguídos participem dele e digam 'Nós somos o bom perfume de Cristo' (2 Cor. 2,15). O Selo, portanto, tem a forma de Cristo e todos aqueles que são marcados por esse selo participam de Cristo, tomando a sua mesma forma). Por causa do Espírito nós somos chamados de participantes de Deus"(Cartas a Serapião, 1, 23-24). apud, COMISSÃO TEOLOGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. *Op..cit.* p.70.

<sup>165</sup> Um dos conceitos típicos dos Padres da Igreja é a distinção entre "imagem e semelhança", em que a imagem se refere ao ser, a semelhança ao agir. A imagem "indica o momento ontológico e se refere à natureza do homem enquanto participante da natureza divina por recriação (redenção-batismo). A semelhança" faz alusão ao momento existencial e se remete a lógica vital da imagem que impulsiona a natureza, recebida em dom pelo homem, a se evoluir e a se realizar segundo o desígnio de Deus, para atuar a sua virtualidade e amadurecer os germes nela colocados. O sentido ativo de "semelhança" significa também uma incessante necessidade de crescimento, um esforço pessoal de amadurecimento sustentado e levado adiante pela graça. Enquanto no Batismo o Espírito reconstrói no Homem a imagem de Deus deformada pelo pecado, na Confirmação lhe confere a semelhança (Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do ano 2000, Senhor a Terra está repleta do Teu Espírito, op. cit. p.101-102).

<sup>166</sup> Cf. Rm 8, 15.

<sup>167</sup> O *Catecismo da Igreja Católica*, n.1302-1303.

<sup>168</sup> O *Catecismo da Igreja*, no n.1831, nos diz que: Os sete dons do Espírito Santo são sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Em plenitude pertencem a Cristo, Filho de Davi. Contemplam e levam à perfeição as virtudes daqueles que o recebem. Tornam os fiéis dóceis para obedecerem prontamente às inspirações divinas.

está inserido vida da Igreja, é chamado a ser testemunha da fé, discípulo e missionário<sup>169</sup> que indubitavelmente almeja a santidade:

“Lembra-te, portanto, e que recebeste o sinal espiritual, o Espírito de sabedoria e de inteligência, o Espírito de conselho e força, o Espírito de conhecimento e piedade, o Espírito do santo Temor, e conserva o que recebeste. Deus Pai te marcou com o seu sinal, Cristo Senhor te confirmou e colocou em teu coração penhor do Espírito”<sup>170</sup>.

A confirmação ainda nos faz participar da unção messiânica do Cristo. Ou seja, todo cristão crismado tem a unção espiritual, e deve desenvolver e aperfeiçoar as virtudes do próprio Cristo, e a seu exemplo é chamado a dedicar a sua vida em serviço do outro. Para os Padres da Igreja não se poderia ser cristão completo sem que a unção espiritual se expressasse de forma sensível<sup>171</sup>.

Por fim, a Confirmação está tão ligada à Eucaristia, que os fiéis pelo selo do Batismo e da Confirmação, participando na Eucaristia, encontram a sua plena integração no Corpo de Cristo e pedem ao Pai que derrame com maior abundância o seu Espírito, para que todo o gênero humano forme uma única família de Deus<sup>172</sup>.

### 3.1.3. Eucaristia

Afirmamos com veemência que a Eucaristia, pelo fato de ser “fonte e ápice de toda a vida cristã”<sup>173</sup> e nela estar presente o próprio Filho de Deus em corpo, alma e divindade, carrega em si um significado de tamanha importância a tal ponto que em nenhuma outra ação litúrgica a presença e manifestação do Espírito é tão evidente quanto nela.

Observa-se no Novo Testamento que o rito eucarístico existe desde o princípio da Igreja<sup>174</sup>, sendo o principal culto da comunidade primitiva. No século II da era cristã, temos no testemunho de Justino a clara menção ao Sacramento quando cita: “O nosso Cristo nos deu em tradição o pão para fazermos a

<sup>169</sup> A Lumen Gentium, n 11 afirma que o Sacramento da Confirmação vincula os fiéis ainda mais intimamente à Igreja e lhes confere de modo especial a força do Espírito Santo, Daí a obrigação maior de difundir e defender a fé, pela palavra e pelas obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo. (LGII)

<sup>170</sup> Sto Ambrósio, *De myst.* 7.42: PL16, 402-403. apud., *Catecismo da Igreja Católica*, n.1303.

<sup>171</sup> São Cipriano, *Ep* 74,7, 5.apud, CONGAR, Yves; *O rio da vida corre no oriente e no ocidente*. São Paulo: Paulinas, 2005, (vol III). p. 219.

<sup>172</sup> Cf. RICA, São Paulo: Paulus, 2000. Preliminares gerais n.2. p. 18.

<sup>173</sup> Cf. LG n. II..

<sup>174</sup> CEI Cor11, 20.

*anámnese*<sup>175</sup> do seu ter-se feito corpo (...)e igualmente o cálice para fazermos em agradecimento a *anámnesis* do seu sangue”<sup>176</sup>. Orígenes do século III, nos assegura:

“Se quisermos essas coisas com a grandeza do mistério, veremos que esta “memória” tem por efeito uma grandíssima propiciação. De fato, se pensarmos naquele “Pão descido do céu” (Cristo) por Deus mesmo proposto como a propiciação por meio da fé em seu sangue, e se agora olharmos para aquela “memória” da qual o Senhor diz “fazei isto em memória de mim” descobriremos que somente ela é a memória que propicia Deus aos homens. Se, portanto, pensarmos atentamente nos mistérios litúrgicos da Igreja, lendo o que está escrito na Lei, veremos que esta já nos tinha dado uma “pré-imagem” da realidade que devia vir”<sup>177</sup>.

O testemunho do mais antigo formulário que temos é a *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma, que remonta no século III e narra uma anamnese na qual se observa dois momentos importantes da História da Salvação: morte e ressurreição unidas imediatamente à oblação do pão e vinho como ação de graças; ao fazer memória da ação de Cristo, a Igreja oferece ao Pai o próprio sacrifício<sup>178</sup>.

Tendo em vista estes pressupostos, afirmamos que na Eucaristia o Espírito tem um papel fundamental e estonteantemente primordial: tornar presente o Cristo nas espécies do pão e do vinho. A mudança do pão no Corpo de Cristo e o vinho no Sangue de Cristo por obra do Espírito Santo é uma renovação do ato magnânimo

<sup>175</sup> Do grego (anamnesis). Este termo que, na origem, significa lembrança, evocação, assumiu no uso litúrgico o sentido técnico de evocação dos grandes momentos da Páscoa salvífica do Cristo, com referência ordem dada aos discípulos por ocasião da última ceia-ef I Cor 11, 24-25, Lc 22, 19-“todas as vezes que fizerdes isto, fazei-o em memória de mim”. Portanto com Karl Rahner podemos definir teologicamente o mo “uma celebração que torna presente um acontecimento da história da salvação para que conquiste o imo dos participantes do rito” (Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs, op. cit. p 92).

<sup>176</sup> JUSTINO, Diálogo com Trifão, 70, 3. apud, CONGAR, Yves; O rio da vida corre no oriente e no ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005, (vol III). p.210

<sup>177</sup> CT ORÍGENES, Lev. Hom. 13, 3. apud., RICA, São Paulo: Paulus, 2000. p. 30.

<sup>178</sup> No texto original se diz: “E prossiga a seguir: “Graças te damos, Deus, pelo teu filho querido, Jesus Cristo, que nos últimos tempos nos enviastes Salvador e Redentor, mensageiro da tua vontade, que é o teu verbo inseparável, por meio do qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do céu ao seio de uma Virgem; que af encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Que cumprindo a tua vontade, e obtendo para ti um povo santo, ergue as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento os que confiaram em ti. Que, quando era entregue a voluntária Paixão (...) [Ele] tomou o pão e deu graças a ti dizendo: Tomai e comei: isto é o meu corpo que por vós será distribuído’, tomo igualmente o cálice dizendo: ‘este é o meu sangue que por vós será derramado. Quando fizerdes isto, fa-lo-eis eis em minha memória”. Por isso, nós que nos lembramos de sua morte e Ressurreição, e oferecemos-te o pão e o cálice, dando-te graças porque nos considerastes digno de estar diante de ti e servir-te. E te pedimos envies o teu Espírito Santo à Oblação da Santa Igreja, reunindo num só rebanho todos que recebem a Eucaristia, na plenitude do Espírito Santo, para o fortalecimento da nossa fé na Verdade, concede que te louvemos e te glorifiquemos, pelo teu Filho, Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra, ao Pai, no Filho, com o Espírito Santo na tua Santa Igreja, agora e pelo século dos séculos, Amém”. (NOVAK, M. G. (tr Hipólito de Roma. Tradição Apostólica, Ed Vozes, Petrópolis, 1971, 13-16).

com que ele formou originalmente seu corpo no seio da Virgem. Como pela encarnação entrou pela primeira vez no mundo, do mesmo modo, essa mudança multiplica a sua presença substancial pelos séculos afora em todo o mundo.

Na verdade, é esta ação operante do *Pneuma* que torna atual o Mistério Pascal. Sabe-se que o mistério da morte e ressurreição de Cristo é o centro da História da Salvação. Compreendemos a partir de então como o Espírito transformou a morte de Cristo, em oferta de amor, tanto para o Pai, quanto para a salvação dos homens. Assim, constatamos que na Eucaristia o mesmo Espírito faz com que esse mistério de amor se atualize, a fim de que possamos receber seus frutos.

Na Eucaristia temos a continuação de Pentecostes. Durante a celebração acontece uma invocação do Espírito e em seguida temos sua eficaz descida sobre as ofertas do pão e vinho. Note que a *epiclese*<sup>179</sup> eucarística recapitula toda História da Salvação, da criação à Parusia, unindo três grandes eventos: Morte, Ressurreição de Jesus e Pentecostes.

A doutrina eucarística nos mostra que por meio deste sacramento, o Espírito faz com que provemos o Reino futuro, uma vez que na Eucaristia, recebemos o Cristo glorioso ressuscitado que representa as últimas realidades, o *escatón*. Os dons são transubstanciados pela descida pneumática, no *Kyrios*, o qual com sua vinda, traz os últimos dias para a história<sup>180</sup>. Desse modo, a eternidade irrompe no presente, fazendo com que a antecipemos no Hoje da história.

O fiel quando se aproxima da Eucaristia recebe o Espírito Santo. Sobre essa realidade nos diz Santo Efrén:

“Jesus chamou o pão de seu corpo vivo, o preencheu de si mesmo e do Espírito estendeu a sua mão e lhes deu o pão: (...) Tomai e comei com fé, e não duvideis que este seja o meu corpo. E quem o come como é, por meio dele come o fogo do Espírito(...) Comei todos e comei por meio dele o Espírito(...) De agora em diante vós comereis uma Páscoa pura e sem mancha, um pão fermentado e perfeito que Espírito amassou e fez cozinhar, um vinho misturado com fogo e com o Espírito”<sup>181</sup>.

<sup>179</sup> Epiclese entendida como invocação ao Pai para que envie o seu Espírito a fim de transformar o pão e o vinho em corpo e sangue de Jesus Cristo.

<sup>180</sup> Cf. At 2, 17.

<sup>181</sup> S.Efrén, Sermões da Semana Santa, IV, 4. apud, CONGAR, Yves; op. cit. p.67

Por fim, uma das dimensões que a Eucaristia nos propõe é justamente nos incorpora ao Cristo, pois ela, enquanto comunhão do Espírito Santo, torna-se, “comunhão dos santos”, num

duplo sentido: comunhão nas coisas santas e comunhão de santos, isto é, de santificadas pelo Espírito.

### 3.2. O caráter carismático e ministerial da Igreja

A ação do Espírito Santo se manifesta e atua na multiplicidade de dons e carismas outorgados a Igreja e também no ministério ordenado, que pertence essencialmente a constituição da Igreja e que, igual aos demais carismas é um dom outorgado pelo Espírito.

"Há na Igreja uma variedade de dons e carismas<sup>182</sup>, e nela, organismo vivo, corpo de Cristo, unida com um único Espírito, todos os dons são ordenados ao serviço do bem comum. Por esta razão, não se pode jamais opor os carismas aos ministérios de caráter hierárquico, como se estes não procedessem do Espírito Santo. Todo bem na Igreja é dom do Espírito Santo, inclusive os dons e ministérios.

No que concerne à realidade Carismática, sublinhamos que já na Igreja primitiva se tinha a firme convicção de que todo fiel, por meio do Batismo, recebia a efusão do Espírito<sup>183</sup>. A presença do Espírito manifestava-se através de fenômenos especiais, sobretudo no meio da assembleia cristã<sup>184</sup>, através dos mais variados carismas com o objetivo da edificação da Igreja.<sup>185</sup>

O termo Carisma<sup>186</sup> é de origem grega e significa "dom gratuito", "presente", "graça". O termo aparece no Novo Testamento designando um dom divino. Cada carisma manifesta o Espírito em ação.

---

<sup>182</sup> Cf. 1 Cor 12, 1 ss.

<sup>183</sup> Cf. 1 Cor 12, 13. “A cada qual é concedida a manifestação do Espírito”

<sup>184</sup> Cf. 1 Cor 14, 23-36.

<sup>185</sup> A este respeito nos diz Angel Rodrigues: "A presença do Espírito Santo no crente produz fenômenos que Paulo chama “pneumatiká” (1 Cor 12,1) e se apresenta fenomenologicamente semelhantes aos ‘pneumatiká’ gentios, ainda que sejam radicalmente diferentes: quem tem o autêntico Espírito confessa: "Jesus é o Senhor" (1 Cor 12,3), entra no âmbito da sua soberania, de seu poder libertador. A cada crente é dada uma manifestação (phanerosis) particular do Espírito (1 Cor 12,7), que Paulo domina com o vocábulo provavelmente cunhado por ele 'charismata'. O dom outorgado não é o próprio Espírito, mas sua manifestação. Os carismas são sinais de sua presença. (RODRIGUES, Angel Aparício, CMF: Dicionário Teológico da Vida Consagrada. Paulus, São Paulo, 1994, p 34).

<sup>186</sup> Catecismo da Igreja Católica n 800, explicita esta realidade dizendo: “Sejam extraordinários, sejam simples e humildes, os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial,

Este termo era muito usado por Paulo e visava formar as comunidades recém fundadas e prepará-los para uma realidade nova: a intimidade com a manifestação pneumática nas comunidades durante o culto, a vida de oração e na missão. A teologia paulina aponta a importância dos carismas como sendo a expressão de vitalidade eclesial e de testemunharem como Deus manifesta sua presença e ação no meio do seu povo.

Era tal a variedade carismática que se deve afirmar que os carismas estavam presentes na vida ordinária, cotidiana da Igreja<sup>187</sup>. Devemos entender os carismas como instrumentos do Espírito através do qual ele renova a Igreja e o mundo. Neste contexto, a partir de uma compreensão ampliada acerca do Espírito perceberemos a sua ação em toda eclesialidade. Assim sendo, temos: (*pneumatiká*) fenômenos espirituais, (*diakoníe*) serviços ou ministérios, (*energémata*) atividades ou energias e (*charismata*) graças ou dons.

Daí mais perfeitamente quando Paulo nos diz: “há uma variedade de dons, mas o Espírito é o mesmo; os ministérios são diversos, embora o Senhor seja o mesmo; as atividades são diversas, mas é o mesmo Deus quem atua em todos”<sup>188</sup>.

É de nosso interesse alicerçar o tema que ora nos detemos lembrando o fato histórico que embora jamais deixasse de existir, a dimensão carismática no que concerne ao exercício dos dons e carismas oriundos da Iniciação Cristã, parece ter sido esquecido não só da reflexão teológica mais também na sua vivência em âmbito comunitário por muito tempo. Em resumo, percebemos que por muitos séculos, a Igreja viveu uma fase de negligência quando se fala da consciência pessoal e pastoral dos carismas, ao ponto de alguns autores, na atualidade chegarem a infeliz conclusão de que os carismas tinham uma finalidade específica para aquela época, por isso, deixou de existir, o que é completamente contrário ao que a Igreja prega, basta observarmos a teologia pneumática difundida pelo Concílio Vaticano II, o Catecismo da Igreja Católica etc<sup>189</sup>.

---

ordenados que são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e as necessidades do mundo". carismas devem ser acolhidos com reconhecimento por aqueles que o recebe, mas também por todo membros da Igreja. Pois são uma maravilhosa riqueza de graça para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo de Cristo, mas desde que se trate de dons que procedam verdadeiramente do Espírito Santo e que sejam exercidos de maneira plenamente conforme os impulsos autênticos deste mesmo Espírito, isto é, segundo a caridade, verdadeira medida dos carismas.” (Catecismo da Igreja Católica n 800, p. 231).

<sup>187</sup> G. Hassenhutti, *Carisma principio fondamentale per l'ordinamento della chiesa*, Dehoniane, Bolonha, 1973.

<sup>188</sup> Cf. I cor12,4-5

<sup>189</sup> A este respeito escreve Luiz Fernando Santana: “O mistério da Igreja provém do Espírito, que é o seu princípio vital e sua força renovadora; é na Igreja que o Espírito habita, plenificando os corações dos fiéis (cf.

Segundo Bento XVI, a nossa Profissão de fé nos coloca diante de uma tarefa bem concreta: a doutrina da Igreja precisa encontrar o seu ponto de partida na doutrina do Espírito Santo e de seus dons<sup>190</sup>. E ainda Denzinger nos diz:

“Nada confirma tão claramente que a Igreja é uma obra plenamente divina, quanto os carismas pelos quais por toda parte ela é ornada com esplendor e glória, e cujo autor e doador é o Espírito Santo”<sup>191</sup>.

Na atualidade, percebemos que os carismas ocupam o lugar mais explícito no movimento carismático ou como é mais conhecido Renovação Carismática Católica<sup>192</sup>. Apesar de promover todos os carismas, tal movimento dá especial ênfase nos dons que o Concílio chama de extraordinários e que, no entanto, são ordinários na vida dos cristãos primitivos e também dos cristãos que pertencem a este movimento. Os dons de profecia, de cura e de glossolalia, dentre outros, como que, voltaram a fazer parte do ordinário da vida cristã

Segundo o teólogo Luiz Fernando Santana:

“O objeto de interesse pela dimensão carismática da Igreja vem a ser o próprio Espírito de Deus em sua livre irrupção sobre todo o corpo de Cristo, na vida dos cristãos e na história dos homens. O Espírito do Senhor adéja sobre a Igreja como surpresa, criatividade, imaginação, não permitindo, de forma alguma ser manipulado, controlado ou enclausurado em qualquer sistema eclesial. É ele

---

LG 4) Jesus é o princípio primordial da Igreja e nela está continuamente presente e atuante na força do Espírito, que é a própria causa da unidade da Igreja (cf. UR 2). Esta unidade fundamental alicerçada no ser de Cristo. Cristo e operada pelo Espírito torna os crentes membros do Corpo de Cristo e não permite que seja um aglomeramento amorfo; é nesta unidade que a Igreja descobre a riqueza da diversidade dos dons que o único espírito suscita no corpo eclesial em benefício de todos os seus membros (cf. LG 7: AA 3), Desse modo a estrutura carismática fundamental da Igreja requer que cada um faça frutificar o seu dom em prol da comunidade cristã, a fim de que todos os dons, bem coordenados e harmonizados entre si, confluam para a maturação do Corpo de Cristo, conforme tão bem nos mostra a teologia somática de Paulo, SANTANA, Luiz Fernando; O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã, op. cit. p. 41.

<sup>190</sup> RATZINGER, Joseph; Introdução ao Cristianismo, São Paulo: Loyola, 2005, p.245)

<sup>191</sup> DENZINGER, Enciclica *Divinum illud múnus*; Leão XIII. *Compendio dos símbolos*. op cit, p. 718.

<sup>192</sup> A Renovação Carismática Católica, através do Escritório Internacional (ICCRS), tem seus Estatutos de Serviço reconhecidos pela Santa Sé, através do Decreto n. 1.565/93 AIC-73 *Officium Consilium Pro Laicis* conforme o Canon 116, do Código de Direito Canonico e, doravante aqui denominada simplesmente RCC, um movimento eclesial da Igreja Católica Apostólica Romana que busca uma crescente consciência a respeito da presença e ação do ESPÍRITO SANTO na vida dos fiéis, propiciando a seus membros uma constante e Significativa renovação e habilidade de se viver na Igreja um "perene Pentecostes", tem por entidade próprias, e consciente da A RCC, em seu modo de ser igreja, com características e objetivos centrais: promover uma conversão pessoal, madura e continua a Jesus Cristo, como nosso Senhor e Salvador, propiciar abertura decisiva à pessoa do Espírito Santo, sua presença e seu poder. Com fé estas duas graças espirituais se experimentam, ao mesmo tempo, no que se chama, diferentes partes do mundo: "Batismo no Espírito Santo" ou "Efusão do Espírito Santo" ou "um deixar atuar livremente como objetivo é fomentar a recepção e o uso dos dons espirituais (carismas), uma vez que estes dons, ordinários para extraordinários, encontram-se abundantemente nos leigos, religiosos e clérigos, e sua justa e uso corretos, em harmonia com outros elementos da vida da Igreja, são uma fonte de força os cristãos em seu caminho até a santidade e no cumprimento de sua missão (Cf. LG 4 e 12: AA 3; PO 9 e Chl. 21 a 24-nota do final)

quem abre para a Igreja novos horizontes e utopias que vão progressivamente, tomando-se realidades na história”<sup>193</sup>.

O Espírito conduz a igreja mediante os carismas, por conseguinte, tudo no Igreja é carisma. A própria hierarquia consta de dons espirituais e deve ser reformada para que se evidencie e se aplique melhor o seu caráter carismático e não puramente administrativo ou jurídico ou sacramental. O Vaticano II pretendeu mitigar a “eclesiologia” de autoridade hierárquica tratando de carismas e serviços, dando prioridade ao povo de Deus, potencializando os ministérios leigos<sup>194</sup>, exigindo a participação ativa e responsável dos fiéis<sup>195</sup>.

No que diz respeito ao Caráter Ministerial, podemos dizer que mesmo tendo acontecido um significativo avanço na compreensão de uma Igreja ministerial, nem sempre a palavra ministério<sup>196</sup> é bem entendida nas comunidades, sobretudo pela generalização com que o termo vem sendo usado. Qualquer serviço ou função que alguém assume na comunidade logo é chamado de ministério. Pode-se falar de “ministério” em um sentido amplo, para designar todo e qualquer serviço realizado, na esfera profissional, familiar, ou especificamente eclesial, e vivido por ele na missão da Igreja, seja por meio do testemunho, do serviço ou da comunhão.

Os escritos do Novo Testamento mencionam uma grande variedade de ministérios e funções no seio das comunidades cristãs. A Tradição considerou os apóstolos como ponto de referência obrigatório, raiz e fonte de todo o ministério na Igreja, que por isso é “apostólico” por necessidade. Enviou-os em missão com sua autoridade, como representantes seus, para que, como testemunhas da sua ressurreição, pregassem em seu nome o evangelho. Sua eleição torna patente a vontade de Jesus de prolongar sua missão e sua obra no tempo da Igreja através de seus eleitos.

---

<sup>193</sup> SANTANA, Luiz Fernando *O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã. op.cit.* p. 39.

<sup>194</sup> Os ministérios que se podem conferir aos leigos são aqueles serviços referentes a aspectos realmente vitais da vida eclesial como, por exemplo, no plano da Palavra, da Liturgia ou na direção da comunidade exercidos por leigos de maneira permanente e não só ocasional e que têm sido reconhecidos publicamente por aqueles que são responsáveis pela unidade da Igreja”. (Cf. Puebla, n. 637).

<sup>195</sup> Cf. LG. 9-12

<sup>196</sup> Ministério é, antes de tudo, um carisma, ou seja, um dom do Alto, do Pai, pelo Filho, no Espírito, que torna seu portador apto a desempenhar determinadas atividades, serviços e ministérios em ordem à salvação. Nem todo carisma, porém, é ministério. (...) só pode ser considerado ministério o carisma que, na comunidade e em vista da missão da Igreja e no mundo, assume a forma de serviço bem determinado, envolvendo um conjunto mais ou menos amplo de funções, que responda a exigências permanentes da comunidade e da missão, seja assumido com estabilidade, comporte verdadeira responsabilidade e seja acolhido e reconhecido pela comunidade eclesial. (cf. LG 12).

Além dos “Doze” e dos “Setenta”, tão próximos a eles, aparece um primeiro grupo formado por “apóstolos, profetas e doutores”, que parecem gozar de certa preeminência<sup>197</sup>, juntamente com os “evangelistas”<sup>198</sup>, se ocupavam em pregar o evangelho e em estabelecer novas comunidades<sup>199</sup>.

Por volta do início do século II, aconteceram dois fatos importantes: primeiro a consolidação da trilogia de ministérios estáveis *bispo, presbíteros, diáconos* à frente das comunidades cristãs e o correlativo desaparecimento dos demais ministérios e segundo, o aparecimento do episcopado monárquico em Antioquia. Com sua mentalidade simbólica, o bispo de Antioquia concebe a Igreja como a imagem terrena da Igreja celestial: concretamente, a hierarquia deste mundo - bispo, presbítero, diáconos - é símbolo da hierarquia celestial.

Hipólito (125) e Cornélio (251-253) são testemunhas do aparecimento de uma série de ministérios abaixo do diaconato (subdiácono, acólito, exorcista, leitor e hostiário)<sup>200</sup>

Já no Novo Testamento, a ministerialidade é própria de toda a Igreja porque de certo modo, toda a comunidade cristã está, por sua vocação à fé e por sua Apostolicidade, em situação de serviço (*diakonia*) e de missão, serviço fraternal do Evangelho para o mundo. O ministério de toda a Igreja interessa, portanto, a cada cristão: é lei da existência cristã que todos estejam ao serviço de todos, segundo a peculiaridade dos dons de cada um.

Ao longo da história, a Igreja lidou com a questão ministerial alternando períodos de grande florescimento e vitalidade com períodos de fechamento e estagnação. Antes do Concílio Vaticano II, o termo “ministro” praticamente só era aplicado aos bispos e presbíteros, e a expressão “ministério”: usada apenas para designar o “ministério sacerdotal”, depois do Vaticano II a Igreja é compreendida como sendo toda ministerial, que todos (clérigos e leigos) são responsáveis pela

<sup>197</sup> Cf. 1 Cor 12, 28; Ef 2, 20.

<sup>198</sup> Cf. Ef 4, 11; At 21, 8; 2 Tm 4, 5.

<sup>199</sup> Entre os que asseguram de maneira estável os serviços dentro das comunidades já constituídas. encontramos em primeiro lugar uma série de termos que têm a ver com a direção e o governo da comunidade: "Hégoumenos" (chefe, diretor: Hb 13, 7.17.24; Lc 22, 26). "proistamenos" (presidente: Rm 12,8; ITs 5,12), "presbyteros" (At 11,30; 14,22; 16,2; 20,17; 21,28; 1Tm 4,4; 5,17.19; Tt 1,5; Tg 5,14; IPd 5,1), "episkopos" (At 20,28; FI 1,1; ITm 3,1-7; Tt 1,7); "diakonos" (1Tm 3,8-13; FI 1,1) e, num sentido mais genérico, "poimen" (pastor: Ef 4,11; IPd 5,2-4; At 20,28), "kybernetes" (piloto: Icor 12,28). Em outra esfera estão os "profetas" e os "didaskalos" (Ef 4,11; At 13,1). A Igreja apostólica deu-se os ministérios que julgou necessários para o bom funcionamento das comunidades e os concebeu como uma "diakonia" à comunidade. (Cf. MESCHLER, Mauricio S. J.. O dom de Pentecostes. Rio de Janeiro: Vozes. 1945. p.93.

<sup>200</sup> Cf. Eusébio, HE VI, 43, 2. apud, SECO, Lucas F. Mateo, op.cit., p. 182.

missão da Igreja. Tais expressões carregam uma nova maneira de ser Igreja, de viver a missão da Igreja, uma nova relação entre os membros, entre os diferentes carismas e ministérios.

Nota-se que se começa a considerar os ministérios no enfoque de uma eclesiologia da totalidade, e não mais apenas como ministério de uma porção da Igreja, que se restringia apenas ao ministério sacerdotal. Essa mudança se caracteriza, primeiro, pelo abandono do esquema piramidal da Igreja (papa, bispos, clero, leigos) a favor de um esquema “circular”, graças a “eclesiologia da comunhão”; em segundo lugar, pela recuperação da dimensão carismática da Igreja com o reconhecimento de um ministério carismático que caminha ao lado do ministério ordenado.

A noção de *Povo de Deus*<sup>201</sup> exprime a profunda unidade, a comum dignidade e a fundamental habilitação de todos os membros da Igreja para a participação e corresponsabilidade na missão. É imprescindível ressaltar que antes e além de toda e qualquer diferenciação “carismática e ministerial”, está a condição crista, comum a todos os membros da Igreja.

A perspectiva histórico-salvífica, privilegiada pelo Concílio Vaticano II, também quis recuperar o aspecto pneumático-eclesiológico do ministério. E ficou num compromisso entre os dois grandes blocos tradicionais da Igreja; o que acentua o poder (*sacra potestas*) que procede de Cristo e o que insiste no serviço e nos carismas (*ministeria, munera*), que se assinalam mais ao Espírito.

Em suma, como podemos constatar o Vaticano II não vê algo palpável ou consistente para que se crie uma oposição entre carisma e ministério, ou carisma e instituição, e a este respeito afirmou João Paulo II<sup>202</sup>, esta é uma realidade “indesejável e deletéria”, antes, as duas realidades enriquecem e dá um rosto sempre jovem e dinâmico a esposa de Cristo. Assim, podemos vislumbrar um equilíbrio na Eclesiologia, com a superação dicotômica que perdurou séculos, e chegar à conclusão de que não existe uma Igreja como “modelo carismático” e outra como “modelo institucional”.

---

<sup>201</sup> O Código de Direito Canônico quando legisla sobre o "Povo de Deus", diz que: "Fiéis são os que, incorporados a Cristo pelo Batismo, foram constituídos como povo de Deus, e assim, feitos participantes, a seu modo, do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, são chamados a exercer, segundo a condição própria de cada um, a missão que Deus confiou para a Igreja cumprir no mundo (CIC, cân 204).

<sup>202</sup> Cf. Discurso aos participantes no II Colóquio internacional dos movimentos eclesiais, 2 de março de 1987, em *Insegnamenti X/1.1987*, p.478.

### 3.3. O Espírito e a Esposa dizem: "Vem"

A História da Salvação começou com o ato criacional de Deus, perpassou o momento da queda de Adão e Eva, adentrou a eleição de Israel como povo de Deus,

alcançou o seu centro e cume na Encarnação, morte e ressurreição de Jesus, o Salvador, e prossegue agora o seu curso até se completar no final dos tempos com a instauração definitiva do Reino de Deus. A Igreja tem fundamental importância nesse itinerário, uma vez que, por vontade divina, faz parte da História da Salvação como protagonista a mais de dois mil anos. Trata-se do “Tempo da Igreja”, que vai desde a sua fundação por Cristo passa pela vinda do Espírito Santo em Pentecostes, até à sua futura consumação no final dos séculos<sup>203</sup>.

No livro do Apocalipse está descrito no vigésimo segundo capítulo, no versículo primeiro e seguintes a última visão de João em que o anjo lhe mostra dois rios de Água viva resplandecentes como cristal, que brotavam do trono de Deus e do Cordeiro. Era descrito, ainda na visão, uma praça que tinha ao centro, entre os dois braços do rio, uma árvore da vida que produzia doze colheitas, uma a cada mês. E mais, as folhas desta árvore serviam como cura para as nações.

Podemos perceber nesta descrição apocalíptica a figura da Igreja que, no aqui e agora, é sinal de cura para as nações. Os meses representam o Ano Litúrgico e as folhas que curam, os seus Sacramentos.

Com efeito, é extraordinário notar que na visão onde é revelada a Igreja dos últimos tempos, o foco principal seja desviado dela para o rio da vida. O rio torna-se o centro da vida e a esposa de Cordeiro é contemplada “descendo do céu, da presença de Deus, resplandecente da glória de Deus”<sup>204</sup>; e o rio da vida, torna-a toda transparente. Este rio de vida é o Espírito.

E ainda antes de finalizada a visão, o anjo murmura a João: “Viste a esposa do Cordeiro? Viste o Espírito!” Nos últimos tempos, é o próprio Espírito que é mandado pessoalmente e o Pentecostes é acontecimento da Igreja, porque o Espírito de Jesus começa, então a sua última *kenose* de amor. A este respeito fala Jean Corbon:

<sup>203</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, n.732.

<sup>204</sup> Cf. Ap 21,9.

“O acontecimento que daí por diante se manifesta é a igreja. “Viste a noiva, a esposa do Cordeiro? Viste o Espírito!” A transparência da esposa ao Espírito só se explica por ser o lugar vivo da ‘kenose do Espírito Santo’<sup>205</sup>. E ela participa disso, porque essa *kenose* que constitui a Igreja esposa de Cordeiro. O que o Espírito do Pai realizara para a Virgem Maria na plenitude do tempo pela energia do Espírito Santo, assim também, mas dessa vez até a consumação do tempo, a Igreja se torna esposa e mão pelo Espírito de Jesus que nela habita. Eis os últimos tempos: o Espírito e a Esposa. Nessa habitação transparente, a Igreja é manifestação do Espírito Santo porque ela é sua *kenose*. *Kenose* é manifestação, é o abismo de paradoxo do ágape divino. Nestes tempos que são os últimos, todas as ondas da compaixão divina confluem para o rio da vida: o amor dilacerado do Pai e a Paixão do Filho alargam-se no abismo da nossa morte pela *kenose* do Espírito manifestada na Igreja”<sup>206</sup>.

“O Espírito e a esposa dizem: Vem!”<sup>207</sup> A oração da Igreja é esta invocação incessante, na qual o Espírito intercede por nós<sup>208</sup>. De certo modo, Ele próprio pronuncia e invocação com a igreja e na Igreja. Com efeito, o Espírito é dado à Igreja, para que, pelo seu poder, toda a comunidade do povo de Deus, se mantenha na esperança, naquela esperança de que já fomos salvos<sup>209</sup>, esperança escatológica, esperança da realização definitiva em Deus, esperança do reino eterno, que se realiza pela participação na vida trinitária. O Espírito Santo, concedido aos apóstolos como Consolador, é o guarda e o animador desta esperança, no coração da Igreja”<sup>210</sup>.

Não somente se considera o destino do homem e de toda a criação como orientado em direção a um fim, mas este direcionamento é a característica principal das doutrinas sacramentais, da sua espiritualidade e da sua postura em relação ao mundo. Além disso, seguindo Gregório de Nissa e Máximo, o Confessor, considera-se o mesmo fim último como um estado dinâmico do homem e de toda a criação: a meta da existência criada não é uma contemplação estática da essência divina, mas

<sup>205</sup> Lembremo-nos de que cada “tempo” da economia da salvação é marcado pelo advento de uma *kenose* do amor do Deus vivo. E mesmo isso que o constitui como tempo. É também, em razão dessa *kenose* que cada tempo comporta acontecimentos salvadores. Esses acontecimentos de Deus para o homem e com o homem do então as manifestações da *kenose* oculta. Assim acontecia no começo dos tempos: a *kenose* da Palavra e

<sup>206</sup> do Sopro do Pai manifestava-se pela criação. Durante o desenrolar dos tempos, a *kenose* do verbo revelou-se pela promessa e pela lei, enquanto a do Espírito se relacionava com o dom da fé e da inspiração dos profetas. Quando chegou a plenitude dos tempos, foi o Filho, pessoalmente, que se aniquilou a si próprio para unir a condição de servo até a morte; vimos então o que foi a energia do Espírito Santo para o manifestar ressuscitar. (CORBON, Jean, A fonte da Liturgia, Portugal: Paulinas, p 62).

<sup>207</sup> *Ibid*, p 63.

<sup>208</sup> Rom 8, 26.

<sup>209</sup> Cf Rm 8, 24.

<sup>210</sup> João Paulo II, *Dominum et Vivificantem*, *op.cit.* p 66.

uma ascensão dinâmica de amor que não tem mais fim, porque o ser transcendente de Deus é inexaurível, e por isso, contém sempre coisas novas (novíssima), ainda por descobrir mediante a união de amor<sup>211</sup>.

A escatologia é progressiva, dinâmica e criativa, porque envolve a missão ativa dos cristãos dentro do seu âmbito eclesial e, com ele, também dentro da realidade histórica. A referida missão, então, se realiza concretamente por meio da Igreja histórica, de qualquer modo, por uma comunidade de fiéis bem distintos em relação ao restante da humanidade, no sentido de se empenharem muito mais na significação da humanidade, viabilizando a escatológica do Reino de Deus é claro, sempre sob a sua intervenção divina<sup>212</sup>.

É imprescindível ressaltar que no Pentecostes, o Espírito Santo veio cumprir as promessas da salvação, como lemos nos Atos dos Apóstolos: Jesus “tendo sido elevado pela direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vedes e o ouvis”<sup>213</sup>. Mas este cumprimento da promessa projeta-se sobre toda história, até aos últimos tempos.

Para aqueles que possuem a fé na Palavra de Deus, ressoada em Cristo e pregada pelos apóstolos, a escatologia começou a realizar-se. Aliás já pode dizer-se realizada no seu aspecto fundamental: a presença do Espírito Santo na História humana, que do evento de Pentecostes adquire significado e impulso vital em ordem à meta divina de cada homem e da humanidade inteira. Enquanto a esperança do Antigo Testamento tinha como fundamento a promessa da perene presença e providência de Deus, que se seria manifestada no Messias, no Novo Testamento a esperança, pela graça do Espírito Santo que está na sua origem, já comporta uma posse antecipada da glória futura<sup>214</sup>.

A revelação aparece como ponto final, porque a ressurreição já é inauguração da Parusia. Cristo, na sua segunda vinda, plenifica a história no sentido do fim da *kenose* e da manifestação universal da sua glória. A sua glorificação preenche secretamente o presente, e lançando adiante os olhares, impulsiona, com a mesma força a assumir o presente em que a salvação se opera concretamente. É essa

---

<sup>211</sup> KOUBETCH, Volodemer, *Da Criação a Parusia*, São Paulo: Paulinas, 2004. p 145.

<sup>212</sup> *Ibid*, pl 46.

<sup>213</sup> Cf. At 2,33.

<sup>214</sup> João Paulo II, *L'osservatore Romano*, n 27 - 07/07/91.

exatamente a obra do Espírito Santo, por meio dos sacramentos, que continuam e manifestam, a todo instante, a visibilidade histórica de Cristo.

Segundo a Bíblia, desde a criação até a consumação final, o Espírito é como que atraído pelo que é corpóreo e histórico: faz viver o cosmo, habita num povo até o ponto de descansar num corpo humano concreto, o do Cristo; com o Pentecostes, é infundido “sobre toda a carne”<sup>215</sup> e, no final, será o agente da “redenção do corpo”<sup>216</sup>. Ele é verdadeiramente o poder de Deus de fazer História; ao seu sopro, tudo se transfigura: o corpo dilacerado do Crucificado torna-se o corpo glorioso do Ressuscitado; a Palavra humana traduz a Palavra de Deus; o pão torna-se o corpo de Cristo, a Igreja torna-se antecipação do Reino; o mundo torna-se a transparência restaurada da pátria.

A história teve o seu prologo celeste terá o seu epilogo celeste. A história unificada com o seu começo, na profundidade do mistério do espírito humano. O Espírito Santo não tem encarnação. A “paracletologia”<sup>217</sup> se manifesta em Cristo. A manifestação do Paraclito se realiza somente na união com Cristo. O tempo do Espírito não é tempo histórico, mas um estado de interioridade até a comunhão trinitária. O itinerário não se decompõe e é muito preciso: do Deus *absconditus* ao Espírito, mediante o Filho e pelo Espírito, ao inefável abismo do Pai. A história da Igreja, desde o dia de Pentecostes, já é a época última, o princípio da escatologia, e pode-se falar, além disso, no mais da ação particular do Espírito Santo durante essa época<sup>218</sup>.

Nesta perspectiva, São Paulo afirma que o dom do Espírito é como um penhor da felicidade futura: “fostes marcados com o selo do Espírito Santo, que tinha sido prometido, o qual é o penhor da nossa herança, enquanto esperamos a completa redenção daqueles que Deus adquiriu para o louvor da Sua glória”<sup>219</sup>.

---

<sup>215</sup> Cf. At 2, 17.

<sup>216</sup> Cf. Rm 8, 23.

<sup>217</sup> Deriva do adjetivo *Parákletos* que significa literalmente “aquele que é chamado para que esteja ao lado de alguém, ou para assistir alguém”, daí do seu significado de intercessor, mediador, defensor e até porta voz. O termo passa para a literatura rabinica sob a forma de *paraqlit* ou *paraqlia*, com um vocabulário de uso semelhante a *senegor* (advogado, defensor), fazendo oposição a *qutegor* (acusador). Assim sendo, notemos que a missão do Paráclito na teologia é de sua importância, uma vez que Ele age no coração da Igreja e dos crentes (...) e manifesta uma atividade de iluminação, de sustento, de consolo, e com propriedade, então, é chamado *Parákletos*. Daí então podemos compreender a paracletologia como essa experiência e atuação do Espírito de Deus (CC. SANTANA, Luiz Fernando, Recebereis a Força do Espírito Santo, op.cit. p. 86,87.).

<sup>218</sup> Cf. At 2, 17-21.

<sup>219</sup> Cf. Ef 1, 13. 2.

Pode-se dizer que o fiel enquanto vive o Hoje de sua história, é iniciado na plena participação da glória de Deus: e é o Espírito Santo quem garante e constitui a obtenção da vida eterna, quando por efeito da redenção forem vencidos todo o pecado, com a dor e a morte. Assim, a esperança cristã não é somente uma garantia, mas uma antecipação da glória futura. São Paulo dirige aos romanos as seguintes palavras:

“A criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus, se ela foi com a esperança de ser, também, ela, libertada da escravidão e da corrupção para participar, livremente da glória dos filhos de Deus. Sabemos, com efeito que toda a criação tem gemido e sofrido as dores do parto, até o presente. E não só ela, mas também nós próprios, que possuímos as primícias do Espírito, gememos igualmente em nós mesmos, aguardando a filiação adotiva, a libertação do nosso corpo”<sup>220</sup>.

A partir desta perícopa podemos entender todos a caminha percorrido até aqui, desde ano em que sinalizamos no primeiro capítulo, o cristão compreende o sentido da gestação universal e descobre que se trata da divina adoção para todos os homens, chamados a participar na glória de Deus que se reflete sobre toda a criação. Dessa forma o cristão sabe que já possui as primícias do Espírito Santo, portanto, olha com serena esperança para o destino do mundo, embora entre as tribulações do tempo e intempéries do cotidiano.

Finalizando, lembremo-nos do desejo de Paulo é para que todos se tornem convictos “na esperança, pela virtude do Espírito”<sup>221</sup>. Este desejo radica aqui e otimismo cristão: otimismo sobre o destino do mundo, sobre a possibilidade de salvação do homem em todos os tempos, mesmo nos mais difíceis, sobre o desenvolvimento da história rumo à glorificação perfeita de Cristo e a participação plena dos crentes na glória dos filhos de Deus.

Por fim, com esta perspectiva, o cristão pode associar-se a invocação que, segundo o Apocalipse, é o suspiro mais profundo, suscitado na história pelo Espírito Santo: “O Espírito e a esposa dizem: Vem!”<sup>222</sup>. E eis o convite final do Nove Testamento, dos “últimos tempos”: “aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem

---

<sup>220</sup> Cf. Rm8, 19-23

<sup>221</sup> Cf. Rm 15, 13.

<sup>222</sup>Cf. Ap 22, 17.

sede, venha! Aquele que o deseja, receba gratuitamente a Água da Vida... Vem, Senhor Jesus!”<sup>223</sup>.

## Conclusão

Depois de um caminho percorrido, aquele que o faz é capaz de olhar para trás e perceber o progresso que fizera. Inebriados pelo dom do Espírito, observamos que os traços pneumáticos que forma delineados nestes capítulos nos levam a compreensão surpreendente e fascinante de uma leitura “nova” da História que Deus amou o homem de ontem e continua a amar o homem de hoje.

Para uma autêntica leitura da História Salvífica, necessitaremos sempre da compreensão e leitura pneumática, e jamais, e em nenhum momento, se deveria extinguir a ação do Santo, o *Pneuma*, uma vez que Ele é a verdadeira chave de leitura, o itinerário seguro e concreto com que o homem de hoje deve ter sobre sua própria história, até porque ela está inserida no Mistério da História da Salvação.

Fica claro para nós, que este estudo, também se apresenta como um contributo para o entendimento atual sobre a Igreja que deve ser compreendida como Obra do Espírito Santo. Enquanto relação de fé e comunitária com Deus, que só pode surgir e existir na medida em que os homens entram em comunhão com o Espírito Santo. Na medida em que Espírito possibilita, de uma só vez, esta fé pessoal e comunitária em Jesus Cristo como Salvador, surge a Igreja.

O Espírito é dom para a Igreja, corpo de Cristo, por isso, ela é, de algum modo, o lugar natural do Espírito, como foi a humanidade de Jesus. Na verdade, o Espírito santifica a Igreja, mora nela, a introduz na plenitude da verdade, unifica-a, dirige-a, enriquece a com diversos dons hierárquicos e carismáticos, e a leva a perfeição, bem como constitui seu princípio vital, sua alma.

Em resumo, concluímos que a ação do Espírito sustenta e mantém todo mundo criado, e se utiliza da Igreja desde o tempo de Jesus até os dias atuais,

---

<sup>223</sup> Cf. Ap 22, 17,

fazendo-a sempre Carismática, faz com que dela jorre um manancial donde procede a vida divina, se manifestando nos “últimos dias” e nos preparando para o *Escatón*.

Gostaríamos, ainda, de encaminhar o desfecho para aquilo que o Metropolita Ignatios Hazin di Lattaquié disse: “Sem o Espírito Santo: Deus se afasta, o Evangelho é letra morta, a Igreja é mera instituição, a autoridade é questão de prepotência, a missão, questão de propaganda, a liturgia nada mais que uma evocação, o modo de viver cristão, virtude de escravos. Mas no Espírito Santo: o Cosmos se reanima e geme com as dores de nascimento do Reino, o Cristo ali está, o Evangelho e o poder da vida, a Igreja manifesta a vida da Trindade, a autoridade é um serviço de libertação. A missão é um Pentecostes, a Liturgia é momento comemorativo e também antecipação, a ação humana é divinizada”.

## **Anexo:**

### **Novas Comunidades: fruto do Espírito na contemporaneidade**

O Corpo Místico de Cristo é amparado pela força do Espírito, que o mantém e o conduz em períodos de crise e de transformações sociais que repercutem dentro do seu corpo eclesial e fazem com que ele acompanhe todo este desenvolvimento, mantendo-se na condição originária. Principalmente neste contexto, o Espírito do Senhor se utiliza de meios diversos para sustentar a Esposa de Cristo e o faz por meio de seus dons, carismas, e também - percebemos na atualidade - por meio dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades<sup>224</sup>.

Temos no período do Concílio Vaticano II, e até mesmo anteriormente a ele, a origem de Movimentos proféticos que começaram a eclodir na primeira metade do século passado. Tais Movimentos, não obstante os diversos aspectos que tematizavam (Sagrada Escritura, Padres da Igreja, Liturgia, Ecumenismo, Pastoral, Catequese, Espírito Santo e seus dons e Carismas), traziam intrinsecamente um desejo comum e possuíam uma única meta: renovar a vida da Igreja a partir de um retorno às origens cristãs, tudo isso, certamente, movidos por uma particular inspiração do Espírito Santo.

---

<sup>224</sup> Sabe-se que o Espírito suscita na Igreja desde sua origem novos carismas, que renovam a própria Igreja oportunizando uma resposta de Deus as necessidades dos homens e do mundo. Na atualidade percebemos de forma concreta que o Espírito faz surgir as Novas Comunidades chamando primeiramente homens e mulheres que são impulsionados a fundar uma obra com um Carisma particular e por consequência atraem a outros que desejam viver a mesma consagração. (Terceiro Subsídio Doutrinal da CNBB, Igreja Particular, *Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades*. São Paulo: Paulinas, 2007.p17)

Por Movimentos Eclesiais entende-se as mais diversas formas de Associação que buscam participar da vida da Igreja e de sua Missão. São considerados e/ou conhecidos “novos movimentos”<sup>225</sup> porque carregam consigo um perfil novo com relação às antigas associações e também porque surgiram na segunda metade do século XX. O fenômeno dos novos movimentos eclesiais possui suas raízes antes do Concílio Vaticano II. Eles surgem no pontificado do Papa Paulo VI e de forma paulatina são amparados e acolhidos pela Hierarquia da Igreja, mas, indubitavelmente, é com a presença do Papa João Paulo II os novos Movimentos e Novas Comunidades conseguem ter expressão e tomar grandes proporções.

O Documento de Aparecida constata que os novos movimentos e comunidades são dom do Espírito Santo para a Igreja. Neles, os fiéis encontram a possibilidade de se formar cristãmente, crescer e comprometer-se apostolicamente até serem verdadeiros missionários. Assim exercem o direito natural e batismal de livre associação, como indicou o Concílio Vaticano II e o confirma o Código de Direito Canônico<sup>226</sup>.

Os recentes movimentos de natureza carismática - em sua maioria - e contemplativa, são, em nossa sociedade pós-moderna, sintomas de uma autêntica necessidade de espiritualidade e mística e demonstrando indefectivelmente a presença recriadora do Espírito na vida da Igreja.

E imprescindível ressaltar que a finalidade das mais diversas associações e movimentos é, mediante uma ação comum, incrementar uma vida mais perfeita, promover o culto público, a doutrina cristã e até mesmo outras obras de evangelização e apostolado, exercício de caridade. A este respeito a CNBB conclui que:

“Os novos movimentos agregam grande número de cristãos leigos, bem como consagrados e ministros ordenados. Respondem generosamente à necessidade de uma nova Evangelização, com novos métodos e expressões, visando aos diversos ambientes da sociedade e os católicos não praticantes, acentuam a conversão e a

---

<sup>225</sup> Na atualidade, milhões de católicos vivem sua pertença na Igreja por meio desses novos movimentos que são amparados pelo Código de Direito Canônico de 1983, entre eles destacamos, por exemplo, Focolares, Caminho Neo-Catecumenal, Comunhão e Libertação e Renovação Carismática Católica. Terceiro Subsídio Doutrinal da CNBB, *op. cit.* p.30.

<sup>226</sup> Documento de Aparecida. Brasília. 2008. Ed CNBB n. 311. p. 142.

vivência radical da fé, demonstrada com gestos concretos de mudança de vida e de participação no movimento. Apresentam-se com identidade católica, pois nasceram, desenvolveram-se e atuam dentro da Igreja, sentindo-se, de modo especial, vinculados ao papa e aos bispos. Inspirados também pela fé, diversos movimentos se engajam na promoção da justiça, da paz, da solidariedade com pobres. Alguns novos movimentos se apresentam e se estruturam mais como formas particulares de vida comunitária do que como associações, recusando o próprio nome de "movimento". "Comunidades de vida são encontradas em diversos movimentos"<sup>227</sup>.

A Exortação Pós Sinodal *Vita Concecra* refere-se a novas expressões de vida consagrada e vida evangélica. Tal documento utiliza o termo "Novas Comunidades", querendo designar uma forma associativa, em grande parte nova na Igreja, para diferenciá-los das comunidades paroquiais, das comunidades eclesiais de base e das comunidades religiosas, bem como dos diversos movimentos eclesiais. Elas podem derivar de novos movimentos ou neles se integrar, mas tem a sua especificidade em relação aos mesmos<sup>228</sup>.

A espiritualidade de muitas comunidades se baseia principalmente na Espiritualidade da Renovação Carismática Católica, enfatizando a experiência pessoal com Deus, uma vida sacramental e oração pautada na vivência dos dons e carismas do Espírito Santo. O Papa Bento XVI também nos recorda que:

"Na vida e ação evangelizadora da Igreja, podemos constatar que no mundo moderno devemos responder a novas situações e necessidades da vida cristã. Neste contexto, também os movimentos e novas comunidades são uma oportunidade para que muitas pessoas afastadas possam ter uma experiência de encontro vital com Jesus Cristo, e assim recuperar sua identidade batismal e sua ativa participação na vida da Igreja. Neles podemos ver a multiforme presença e ação santificadora do Espírito"<sup>229</sup>.

As Novas comunidades e Associações bem como os novos Movimentos constituem como que uma resposta da ação do Espírito na vida da Igreja na contemporaneidade. Percebemos que eles não constituem um todo, mas uma parte do todo da Igreja e que, por meio deles, percebemos nitidamente como a Instituição é amparada e mantida pelo Espírito Santo, que a purifica e faz crescer ao longo dos

<sup>227</sup> Terceiro Subsídio Doutrinal da CNBB. *op. cit.* p. 18-19.

<sup>228</sup> Na integra temos: "A originalidade destas novas comunidades consiste frequentemente no fato de se tratar de grupos compostos de homens em mulheres, clérigos e leigos, de casados e solteiros, que seguem um estilo particular de vida, inspirado às vezes numa ou noutra forma tradicional ou adaptado às exigências da sociedade atual. Também seu compromisso de vida evangélica se exprime de formas diversas, manifestando-se, como tendência geral uma intenção aspiração a vida comunitária, à pobreza e à oração. No governo participam clérigos e leigos, segundo as respectivas competências, e o fim apostólico vai ao encontro das solicitações da nova evangelização" (*Vita Concecra*,n.62).

<sup>229</sup> Discurso inaugural de S.S. Bento XVI na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. N.4-5.

séculos. Por fim, lembramos das palavras de João Paulo II em sua Homilia na Solenidade de Pentecostes em 1998: que os Movimentos e Novas comunidades, são expressões providenciais da “nova primavera suscitada pelo Espírito com o Concílio Vaticano II”, e constituem um anúncio do poder do amor de Deus que, superando divisões e barreiras de todo o gênero, renova a face da terra, para construir nela a “civilização do amor”<sup>230</sup>.

---

<sup>230</sup>João Paulo II, O Espírito Santo, São Paulo, Cléofas, p128.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANA, Andrés Ibáñez. *Para compreender o livro do Génesis*, São Paulo: Paulinas, 2003.
- ARANGUEMA, José Ramon Perez. *A Igreja Iniciação à Ecclesiologia*, Lisboa: Diel, 2002.
- BALLARINI, Teodoro. *Introdução à Bíblia com Antologia Exegética*, Petrópolis: Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_, *Os doze profetas e Daniel*, Petrópolis: Vozes, 1978.
- BALTHASAR, Hans U. *Lo Spirito della Verita*. Brescia: Morcelliana, 1993.
- BORTOLINI, José. *Os sete dons do Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário patristico de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Tradução de: Cristina Andrade.
- BÍBLIA AVE-MARIA. Português. 134. ed. São Paulo: Ed Ave-Maria, 2000.
- BÍBLIA DE JERUSALEM. Português. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. Revisada e Ampliada
- Catecismo da Igreja Católica, Petrópolis: Vozes/ Loyola, 1993.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito*, São Paulo: Paulinas, 1999.
- \_\_\_\_\_, *Espírito Santo, vem e renova a terra*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- \_\_\_\_\_, *O Espírito Santo na vida de Jesus*, São Paulo: Loyola, 1987.
- \_\_\_\_\_, *O sopro de Espírito*, São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_, *Ungidos pelo Espírito*, São Paulo: Loyola, 1996.
- CNBB, *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2005.
- COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Senhor a terra esté repleta do Teu Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- \_\_\_\_\_, *Vinde Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- COMISSÃO TEOLÓGICO INTERNACIONAL, *A consciência que Jesus tinha de si próprio*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONCELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO; *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2008.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005, (vol D).

\_\_\_\_\_, *Espírito Santo na História de Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2005, (vol II)

\_\_\_\_\_, *O rio da vida corre no oriente e no ocidente*, São Paulo: Paulinas, 2005, (vol COLLANTES, Justo. *A fé Católica*. Rio de Janeiro Edições Lumen Christy e Diocese de Andpolis-Goiás,

CORBON, Jean. *A fonte da Liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999.

DENZINGER HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. SP. Paulinas, 2007,

FORTE, Bruno, *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FUELLENBACH, John. *Igreja comunidade para o reino*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia Litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2005.

JUPOLITO. Roma, Tradição Apostólica. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.

JOÃO PAULO II. *L'osservatore Romano*. n 27-07/07/91.

\_\_\_\_\_, *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*. São Paulo: Vozes, 1987.

KEHL Medard. *A Igreja: uma eclesiologia católica*. São Paulo: Loyola, 2005.

KOUBETCH. Volodemer. *Da Criação à Parusia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

KILIAN, Me Donnell. *Iniciação Cristã e Batismo no Espírito Santo*, Rio de Janeiro: Ed Louva-a-Deus, 1996.

LACY, J.M. Abrego. *Os Livros Proféticos*. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

LATOURELLE, Rene. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 7ªed. São Paulo: Paulus, 1983.

MESCHLER, Mauricio S. J. *O dom de Pentecostes*. Rio de Janeiro: Vozes, 1945.

PAULO VI. *Encíclica Ecclesiam suam*, São Paulo: Paulinas, 1987.

PEÑA, Juan L. *Teologia da Criação*, São Paulo: Loyola, 1986.

PEREIRA, Antônio da Silva. *A Igreja de Jesus Cristo e a sua unidade à luz do Vaticano II*. Separata da Revista Eclesiástica Brasileira, Rio de Janeiro, 1972.

POUDRIER, Roger. *Sopro de Vida*. Santuário: Aparecida, 1998.

RODRIGUES, Angel Aparicio. CMF; *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, Paulus, São Paulo, 1994.

SANTE, Carmine. *Israel em Oração*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SANTANA, Luiz Fernando. *O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã*. Rio de Janeiro: Editora Bom Pastor, 1999

\_\_\_\_\_, *Recebereis a Força do Espírito Santo*. São Paulo: Ed Com Deus, 2000,

\_\_\_\_\_, *Batizados no Espírito*. São Paulo: Ed Com Deus, 2000.

\_\_\_\_\_, *Introdução aos Sacramentos*. Rio de Janeiro: Apostila de Curso, 2008.

SANTOS, Manoel Augusto (ORG), *Concilio Vaticano II 40 anos de Lumen Gentium*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.

SECO, Lucas F. Mateo. *Teologia Trinitária: Diós Espiritu Santo*. Madrid: Ediciones RIALP. S.A., 2005.

\_\_\_\_\_, *Sobre la procedencia del Espiritu*. Pamplona: Ed. Universidad de Navarra, 1998.

\_\_\_\_\_, *Juan Pablo 11: Una lección de Pneumatología*. Navarra: Separata de Scripta Theologica, 2004.

\_\_\_\_\_, *El Espiritu del Señor*. Navarra: Separata de la Scripta Theologica, 1998.

\_\_\_\_\_, *Maria y el Espiritu Santo en la Teologia del siglo IV*. Navarra: Estudios Marianos, 1999,

SCHOKEL, L. Alonso. *Profetas I Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1991,

\_\_\_\_\_, *Profetas II Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHILLEBEECKX, o.p.; *Cristo Sacramento do Encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1967.

SUENENS, Cardeal L. J. *O Espírito Santo nossa esperança*. São Paulo: Paulinas, 1975,

RATZINGER, Joseph. *Fé, Verdade, Tolerância*. São Paulo: Ramon Llull, 2007.

\_\_\_\_\_, *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_, *Foi chrétienne hier et aujourd'hui*, Mame, Paris, 1969.

\_\_\_\_\_, *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_, *Sal da terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

\_\_\_\_\_, *Compreender a Igreja hoje*. São Paulo: Ed Loyola, 1991.

RIVAS, Luiz Heriberto. *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulus, 1998.

VATICANO II. *Gaudium et spes*, São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_, *Lumen Gentium*, São Paulo: Paulus, 1999.

WARE, Kallistos. *Dire Dio oggi. Il cammino Del Cristiano*, Magnano, Qigajon, 1998.